VI Concurso Literário: obras finalistas
Academia Leopoldinense de Letras e Artes

VI CONCURSO LITERÁRIO: obras finalistas

Leopoldina, MG - 2019

A168c

Academia Leopoldinense de Letras e Artes – ALLA (9.: 2019 Leopoldina, MG).

VI Concurso literário: obras finalistas. [livro eletrônico] / organizadoras: Ana Cristina Miranda Fajardo, Glaucia Maria Nascimento Costa de Oliveira, Nilza Cantoni. – 2ª ed. 2024.

PDF

ISBN nº 978-65-981503-3-4

1. Poesia 2. Cartum – Charge. 3. Crônica. 4. Conto. 5. Relato – Experiência. 6. Finalistas – ALLA. 7. Leopoldina – Evento I. Fajardo, Ana Cristina Miranda. II. Oliveira, Glaucia Maria Nascimento Costa de. III. Cantoni, Nilza. IV. Título.

CDU:82-1(81)

Imagem da capa: de Natania Nogueira, Catedral de Leopoldina vista do jardim do Colégio Imaculada Conceição.

Sumário

APRESENTAÇÃO

O **VI Concurso Literário** promovido pela **Academia Leopoldinense de Letras e Artes** tem como objetivo promover a divulgação das artes e da literatura; descobrir e incentivar novos talentos; estimular a reflexão sobre aspectos importantes da vida profissional dos professores; incentivar a produção de textos literários em geral.

Com premiação nas categorias **cartum/charge, conto, crônica, poesia e relato de experiência**, registramos aqui todas as 90 obras finalistas do VI Concurso Literário, edição 2019, identificando a classificação dos premiados na cerimônia do dia 30 de agosto, no auditório do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Realçamos que não houve qualquer tipo de atualização nos textos aqui publicados e que os mesmos são de responsabilidade de seus autores.

Boa leitura!

Equipe Organizadora do VI Concurso Literário

CARTUM/CHARGE – ENSINO FUNDAMENTAL II

1º lugar - Gelo e lama

Carlos Roberto Anselmino

Colégio Imaculada Conceição

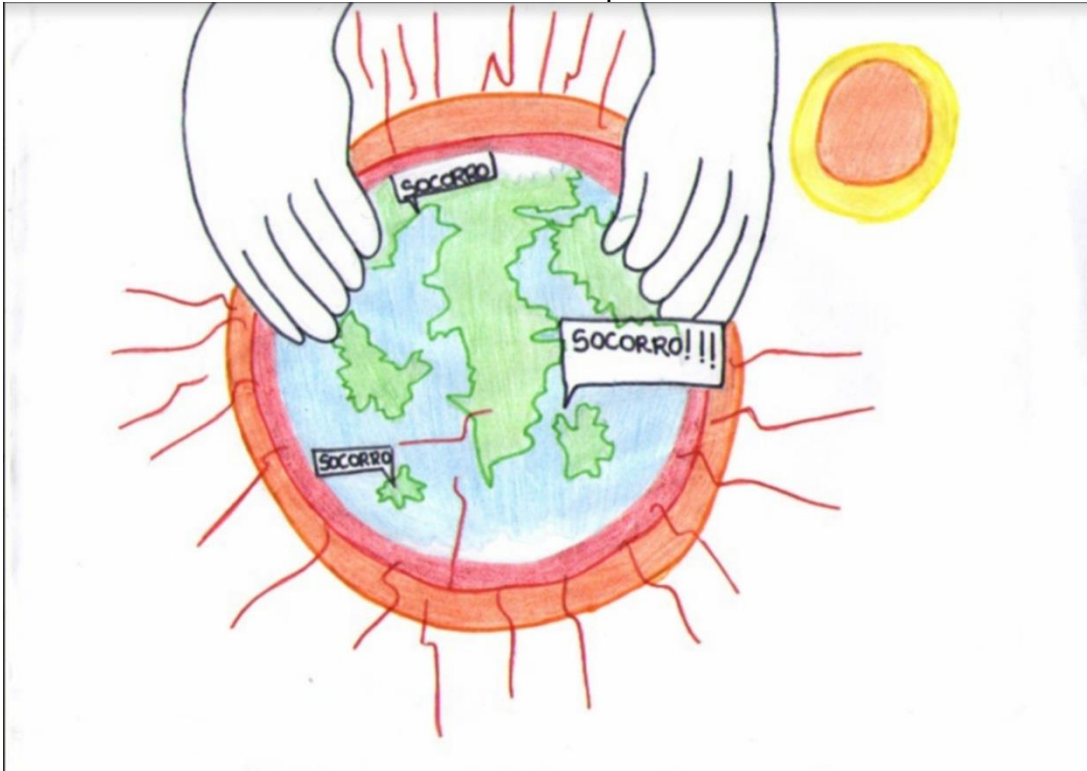
2º lugar - Acabou a balbúrdia!

Luís Otávio Furtado Fajardo

Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

3º lugar - O planeta pede socorro!

Mariana Alves da Silva

Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

futuro?

Marco Aurélio Oliveira Siqueira

Colégio Imaculada Conceição

Legalização das armas: será o caminho?

Sarah Aparecida de Oliveira Chaves

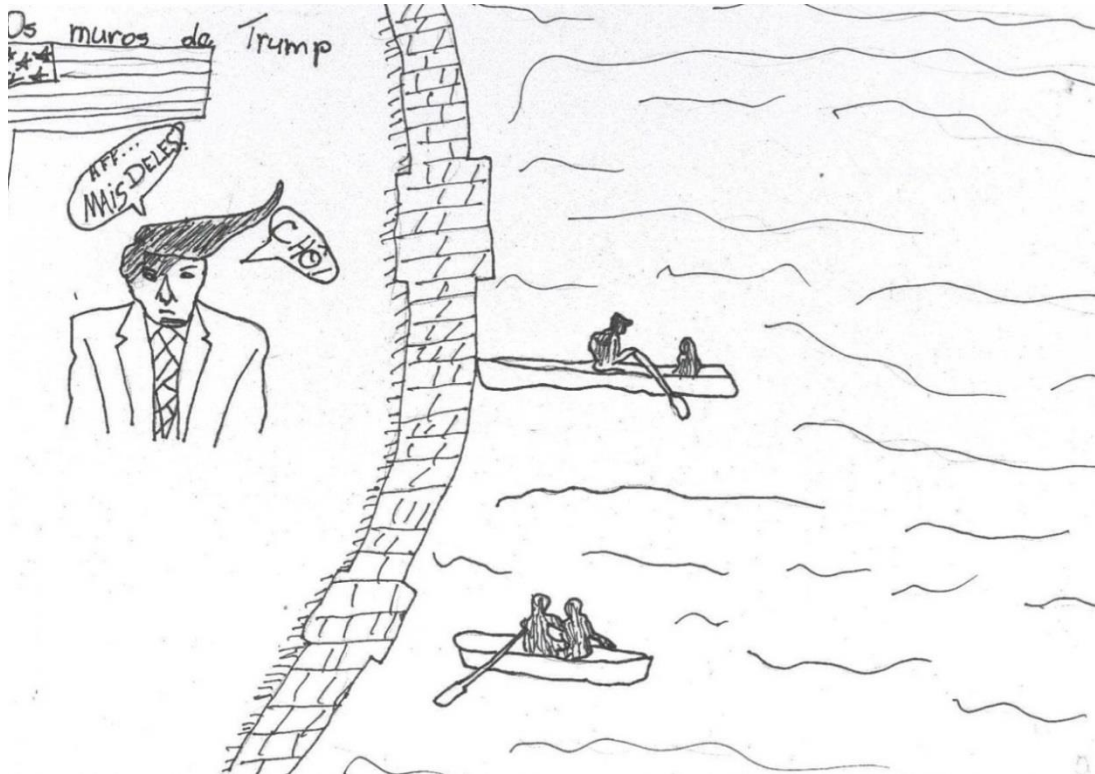
Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

O sonho do rio

João Lucas de Oliveira Marinho
Escola Estadual Sebastião Medeiros

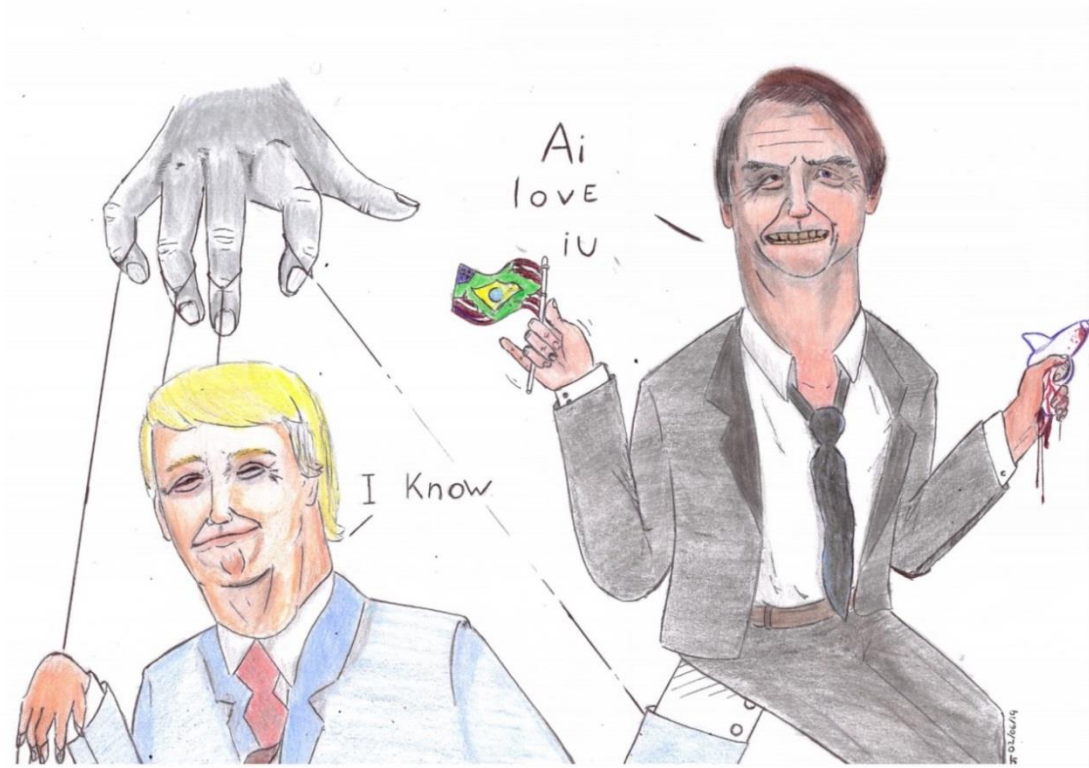
Os muros de Trump

Inácio Cardoso Bastos

Colégio Imaculada Conceição

CARTUM/CHARGE – ENSINO MÉDIO

1º lugar - Senhores do universo?

Guilherme de Oliveira Testa

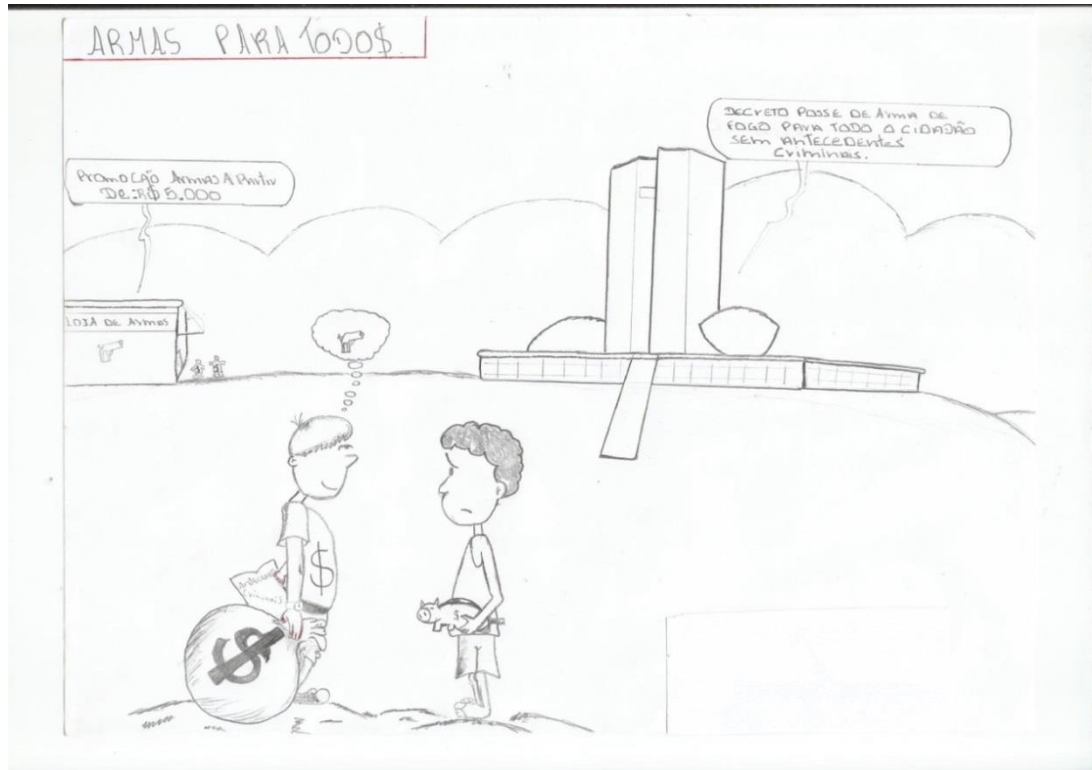
CEFET/MG Campus Leopoldina

2º lugar - Reforma da previdência

Jenifer da Silva

Escola Estadual Professor Botelho Reis

3º lugar - Armas para todos

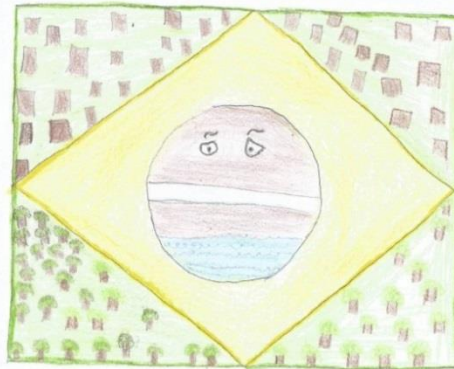
Lucas Almeida Faria Freire

Escola Estadual Professor Botelho Reis

À espera da era glacial

João Paulo de Oliveira Pereira

Escola Estadual Sebastião Medeiros

O Brasil que eu quero

Ludson dos Santos Brito

Escola Estadual Sebastião Medeiros

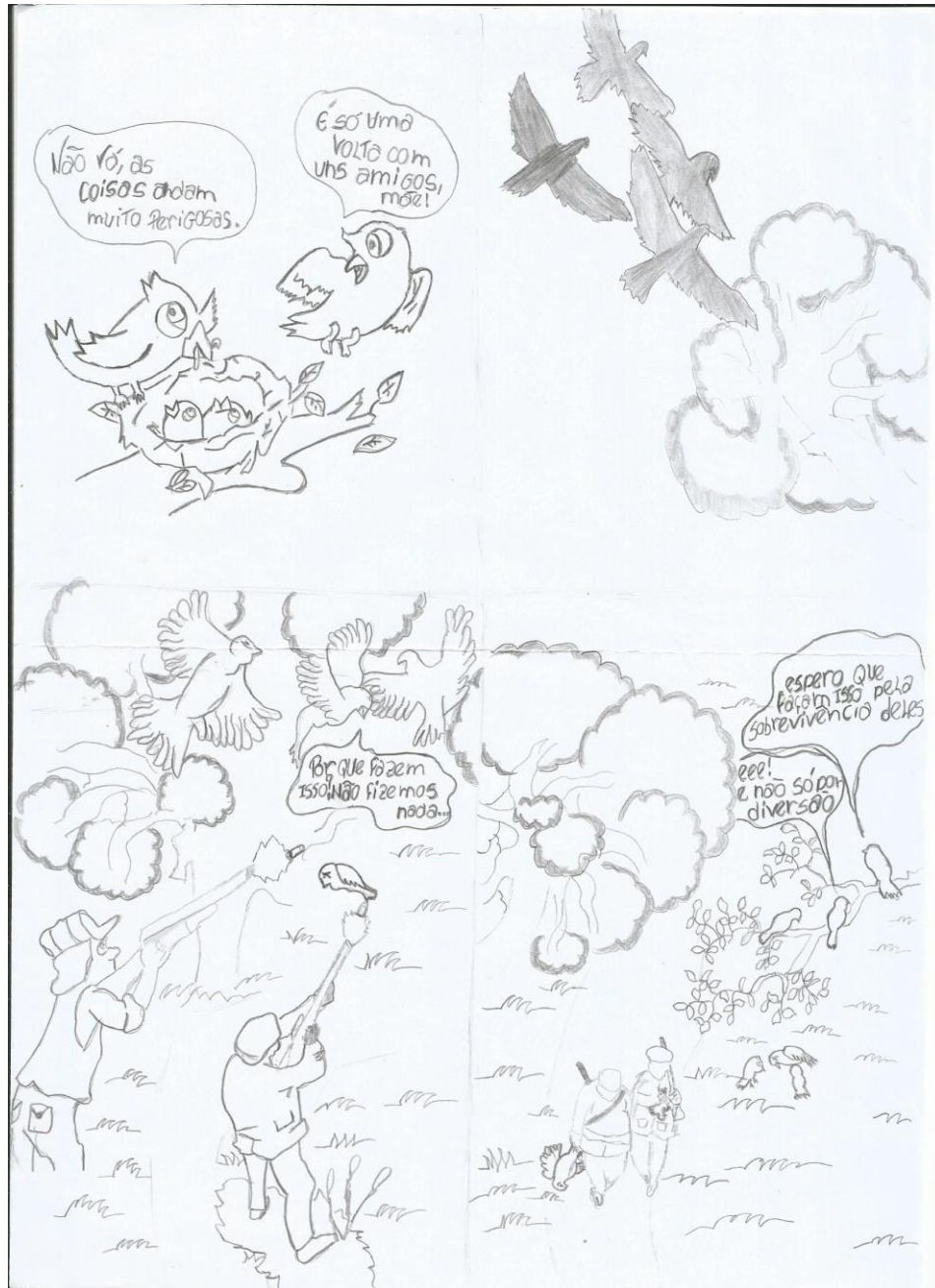
A realidade que estamos vivendo

Raissa Lomba Delfim Pimentel

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Perigo

Robertsan da Silva Almeida

Escola Estadual Professor Botelho Reis

CONTO – ENSINO FUNDAMENTAL II

1º lugar - A princesa dos cabelos azuis

Davi Guimarães Fritz

Colégio Imaculada Conceição

Há muito tempo veio morar no reino da Espanha uma menina, filha de uma família bem pobre que veio do Brasil em meados de 1700. A garota tinha cabelos pretos e longos, era muito inteligente e gostava de fazer atividades ao ar livre.

Assim que chegou ao reino, as pessoas acharam que ela era muito parecida com o rei. Vira e mexe, alguém dizia: Nossa! Como você é parecida com o rei!

Anos se passaram e a menina começou a perceber que seus cabelos estavam mudando de cor, indo de preto para azul, e foi perguntar a sua mãe por que seu cabelo estava mudando. Ela dizia sempre que não sabia e tentava desconversar toda vez que a menina tocava no assunto. Até o dia em que não aguentou mais e desabafou. Disse que seu cabelo estava ficando azul porque o seu pai tinha cabelo azul, mas se negou a dizer quem ele era. A garota ficou confusa e passou os dias se perguntando e tentando descobrir quem era seu pai. Como era muito esperta, logo ligou os comentários que faziam sobre ela e a aparência do rei. Então decidiu que iria falar com ele.

Chegando ao castelo, os guardas se espantaram com tamanha semelhança da menina com o rei e a deixaram passar.

Ela foi entrando e, quando viu a cor do cabelo da majestade, já foi logo perguntando:

- Sou sua filha?

E ele respondeu:

- Sim, você deve ser, porque seu cabelo também é azul, igual ao meu.

A menina ficou em choque e saiu correndo.

No dia seguinte, o rei foi até a casa da forasteira de cabelos azuis e, quando viu a mãe dela, teve certeza de que ela era mesmo sua filha. E com os olhos cheios d´água, pediu sua mãe em casamento.

Um mês depois, eles se casaram e a garota se tornou a princesa da Espanha. Seu pai governou por muitos anos e ela ficou conhecida como a Princesa dos Cabelos Azuis.

2º lugar - O homem inseparável

Júlio César Paixão Lacerda

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Era uma vez um homem chamado Charles. Ele era um homem irregular.

Certo dia, Charles resolveu se mudar do Rio de Janeiro para Leopoldina, mas aconteceu que ele tinha um cachorro e um gato, só que não podia carregar animais no ônibus. Charles era tão apegado aos seus bichos que quis levar o cachorro escondido em uma bolsa. O gato foi deixado com a vizinha.

Na rodoviária, Charles foi à bilheteria da viação Rio Doce. Lá, comprou sua passagem, mas na hora do embarque, o motorista pediu o bilhete. Ele entregou, mas na mesma hora, o seu cachorro latiu. O motorista perguntou surpreso:

- Que foi isso na mala, senhor?

- Nada! Deve ser na rua... _ disse Charles.

E o motorista falou:

- Está bem! Pode entrar. Está liberado. Ah, senhor, a viagem dura 4 horas.

Do tempo, só haviam passado 2 horas e a ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) e a PRF (Polícia Rodoviária Federal) estavam fazendo uma fiscalização e pararam o ônibus.

Na hora que foram revistar a bolsa de Charles, uma grande surpresa!

- Oh! _ disse o policial Gonsales. _ Um cachorro?!

- AU! AU!

- De quem é essa mala? _ perguntaram os policiais Gonsales e Gonsalito.

- É minha, senhores... _ disse Charles, com muito medo.

Charles ficou algum tempo na viatura antes de ser conduzido à cadeia. Lá, ele ficou 4 só dias, porque ele pagou a fiança para sair. Nesse período, seu cachorro ficou no canil municipal. Assim que saiu da cadeia, Charles foi buscá-lo.

Dessa vez, ele foi na Viação 1001 até Leopoldina. Só que na hora de entregar a passagem ao motorista, teve um problema: ele não podia embarcar pois havia um animal em sua mala, de novo!

O motorista ligou para a ANTT e PRF e novamente ele foi preso, mas dessa vez não foram somente 4 dias e sim 2 meses e 9 dias. Novamente, seu cachorro ficou no canil municipal. No dia que ele saiu da cadeia, voltou para sua antiga casa e disse:

- Do Totó não me largo. Então vou ficar aqui no Rio mesmo, já que problemas tive demais.

2º lugar - A menina que morava na estação de trem

Luíza Meneghite Cezar

Colégio Imaculada Conceição

Mary, uma garota de 12 anos, tinha perdido seus pais em um acidente de carro quando tinha 8 anos. Desde então, passou a viver sozinha no sótão da estação de trem, onde ficavam as engrenagens dos relógios.

Seu único amigo era Jack, filho de um dos trabalhadores da estação. Ele era o único que sabia do esconderijo de Mary e, sempre que dava, ele levava comida e livros para ela. Se tinha algo que ela amava, era ler!

À noite, a garota observava, do alto do relógio, a correria das pessoas para não perderem o trem, lia um pouco e depois tentava dormir, mesmo com os ruídos das engrenagens, o barulho dos trens e o frio...

Assim foi a vida de Mary por esses quatro anos. Até que em uma noite, o relógio da estação de trem parou de funcionar. Logo pela manhã, quando ela estava acordando, se surpreende com o pai de Jack, que tinha ido consertar o relógio. O homem se choca ao ver a menina e ela lhe explica tudo o que havia acontecido. Ele leva Mary para sua casa e a adota. A garota passa a viver com sua nova família e se orgulha muito de toda sua história e de tudo que passou.

3º lugar - O mistério na casa dos tios

Laís Souza Bonim

Instituto Metodista de Educação John Wesley

Havia 3 primas, Maria, Livya e Laís. Elas foram passar o final de semana na casa de seus tios. Estavam muito animadas, porque enquanto os tios viajassem, elas iriam cuidar da casa. Seus tios então viajaram e deixaram as meninas lá.

A residência era muito grande e havia muitos quadros sombrios nas paredes. . . Até aí tudo bem. À noite as meninas precisavam comer e então Livya foi para a cozinha preparar algo. Chegando lá, ela começou a ouvir gritos de crianças e ficando com medo chamou as amigas para lhe fazerem companhia.

Ao chegarem à cozinha, Maria e Laís, que escutaram sobre os gritos, não ouviram nada de estranho e falaram que Livya estava doida. Então ela disse:

- Eu tenho certeza que escutei crianças gritando., Maria.

-Isso deve ser coisa da sua imaginação. Confusa ela respondeu:

-É deve ser mesmo! Vou preparar nossos lanches.

Assim que o jantarzinho ficou pronto, elas foram para a mesa saboreá-lo.

Após comerem, as garotas foram descansar, pois o dia tinha sido muito cansativo.

Indo para o quarto, Maria escutou alguém dizer:

- Não fique aqui. Vá embora.

Com muito medo ela saiu correndo para chamar as suas amigas.

- Amigas, amigas! Eu escutei uma voz vindo daquele quarto, e me dizendo para ir embora daqui.

Então as três foram até o quarto e viram um gato preto bem na janela olhando fixamente para elas.

- Eu nunca vi algo tão feio, disse Maria. E aí Laís falou:

-Misericórdia, eu nunca tive tanto medo. Então Livya acrescentou:

- O que vamos fazer?

Então as meninas correram desesperadas para a sala, ficaram bem juntinhas até pegar no sono.

No outro dia, todas acordaram juntas e com muito medo do que tinha acontecido na noite anterior. Mas, como seria só mais um dia para ficarem na casa, as meninas decidiram arrumar tudo e aguardarem os tios.

Cada uma ficou com um cantinho da casa. Laís arrumou a sala e a cozinha, Lyvia, os quartos, e Maria ficou de limpar a varanda.

Quando Maria terminava de limpar a varanda encontrou uma arma no chão. Gritou para suas amigas irem até lá e o medo de todas voltou a aumentar, pois havia também marcas de sangue perto da arma. Correram novamente para um canto da sala e ficaram lá juntinhas.

Já era noite quando seus tios voltaram e assim que eles abriram a porta, as três saíram correndo e falando que nunca mais voltariam àquela casa. Os tios não entenderam nada, até porque tudo estava limpo, arrumado e em silêncio total.

A sonhadora

Emanuelle Barbosa Ribeiro da Silva

Escola Estadual Omar Resende Peres

Era uma vez uma menina que tinha um sonho de ser modelo. Ela se chamava Elena e tinha 15 anos.

Elena tinha duas irmãs mais velhas que estudavam na sua escola. Ela era muito tímida e suas irmãs populares.

Todos colocavam apelidos nela, chamando-a de magrela e desengonçada.

Um dia a professora perguntou qual era o sonho deles, Elena respondeu:

- Ser modelo. Todos caíram na gargalhada falando que ela não conseguiria. Ela saiu correndo e começou a chorar no banheiro.

Quando sua mãe viu que ela estava triste a abraçou e disse para ela não ficar assim. É só ter fé e seu sonho irá se realizar.

Elena tinha costume de orar toda manhã pedindo a Deus sabedoria. Naquele dia entregaram um panfleto na escola dizendo que teria um teste para jovens talentos.

Elena secretamente se candidatou. Foi para o teste no dia seguinte e para surpresa de todos passou.

Foi contratada por uma agência internacional. Daquele dia em diante, ninguém mais zombou dela. Ela ficou muito feliz com sua profissão.

Elena sonhou, orou e conquistou!

O leão e o sol

Luiz Felipe Souza Silva

Escola Estadual Omar Resende Peres

Era uma vez um leão que gostava do Sol. Ele queria saber porque ele ficava ali. Então ele foi atrás dele, andar, andou até cansar.

De repente chegou uma raposa e perguntou para o leão:

- O que você está fazendo?

E o leão respondeu:

- Estou atrás do Sol.

A raposa disse:

- O Sol está muito além de nós. O leão discordou e seguiu em frente. Ele andou, andou e andou.

As horas passavam e o leão não se cansava, não desistiu de se encontrar com o Sol.

Já estava entardecendo e o leão já estava ficando fraco e o leão também, por fim o Sol foi embora.

O leão triste, porque o Sol se foi, acabou se convencendo de que jamais conseguiria se encontrar com o Sol e disse:

- Como fui bobo e não percebi, o Sol sempre esteve comigo o tempo todo.

A menina de asas

Jennifer dos Santos Ivo

Instituto de Educação Metodista John Wesley

Era uma menina que queria muito voar. Chamava-se Letícia. Ela fazia de tudo para conseguir realizar seu sonho. Fez asas bem bonitas como as de borboletas e subiu no telhado de sua casa. Sua mãe, Lúcia, quando viu tamanha maluquice perguntou:

- O que você está fazendo aí no telhado, minha filha?

-Eu quero voar, mãe! – respondeu Letícia.

-Tome cuidado! Desça daí. Venha brincar de outra coisa.

Lúcia ficou intrigada com aquilo. E as tentativas continuaram.

Em outro dia, Lúcia viu Letícia novamente em um telhado, mas dessa vez era na casa do vizinho mais chato do bairro. Lúcia então chamou bem baixo sua filha para que não chamasse a atenção do vizinho:

- Desça já daí, menina! Antes que...

Nisso apareceu o vizinho..

Letícia já ia gritar socorro quando ouviu:

- Letícia, Letícia, acorda, minha pequena. Você tem aula!

E Letícia percebeu que aquilo tudo não passava de um sonho e que não precisava de asas para voar, pois quem tinha asas de verdade era a sua imaginação. Até no sonho...

CONTO – ENSINO MÉDIO

1º lugar - A herança da mansão mal-assombrada

André Luis Bedim Lacerda

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Em um dia normal, recebi a notícia de que meu tio havia morrido. O seu advogado viera me avisar, já que eu era o único herdeiro.

Ao ler a carta, ela dizia que a herança só seria minha se eu ficasse uma noite na casa do meu tio, que era assustadora. Arrumei as minhas coisas e fui ao enterro. Acabado o cerimonial, o advogado me conduziu à casa de meu tio, que mais parecia uma mansão.

Lá havia alguns empregados: Charles, o mordomo; Ana, uma moça adorável, que era a cozinheira, e dona Emília, a governanta, que estava há anos com meu tio. Ela me levou a meu quarto, que também era assustador, e ainda me disse para tomar cuidado, pois naquela casa aconteciam coisas estranhas à noite. A única exigência era que eu não saísse da mansão em hipótese alguma.

Ao entardecer, fui para o quarto para arrumar os meus pertences. Em seguida, desci para comer e logo voltei. Por volta de 19h, comecei a ouvir correntes e gemidos; mais tarde, gritos. Saí do quarto para ver. A mansão estava toda escura. Só uma lâmpada acesa em todo o ambiente. Fui seguindo o som. Era Ana, pálida e assustada. Parecia que vira um fantasma.

Quando Charles e dona Emília chegaram, Ana contava que tinha visto alguém vagando pela mansão. Nessa hora, pensei que o fantasma queria me expulsar. Todos já haviam se retirado, e eu fui para o meu quarto.

Novamente, ouvi correntes. Saí do quarto e me deparei com a lareira acesa e a poltrona virada para o fogo. Fui até lá, mas não havia ninguém. Foi aí que me deu um calafrio e um aperto no coração. Senti algo atrás de mim. Virei-me: era meu tio...

Assustei-me tanto que caí. Vi várias luzes se acendendo. Eram todos os empregados do meu tio e seu advogado.

Aí meu tio se dirigiu a mim e disse-me que queria me ver, mas eu nunca ia a sua casa. Por isso, armou a sua própria morte. Um jeito bem estranho de fazer isso, bem a cara do meu tio.

2º lugar - O caso das plantações

Kailainy Ferreira Lomba

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Havia um enorme sítio, dividido por uma pequena cerca, daquelas branquinhas e bem-feitas. Em um lado do sítio, havia uma maravilhosa plantação de rosas que dona Angelina cuidava muito bem. No outro lado, morava um rapaz não muito simpático, que tinha uma bonita plantação de trigo que apresentava algumas falhas que todos conseguiam ver, menos ele.

- Bom dia, Aurélio! _ disse dona Angelina, que em seguida elogiou muito animada.

- Como está ficando linda esta sua plantação de trigo!

- Obrigado! Eu nem me esforço e ela continua bonita.

Dona Angelina entrou em casa sem dizer mais nada. Apesar de ser ignorante a velhinha, via bondade naquele homem, e acabava ajudando mais do que devia...

Na manhã seguinte, Aurélio pôs-se a observar a plantação e ficou surpreso pelo fato de ela estar tão bonita e bem cuidada, pois já havia passado uma semana sem aguar os trigos...

- A cada dia que passa, o trigo fica mais viçoso! _ comentou Angelina.

- Se você continuar olhando para eles com tanta inveja vão até secar! - respondeu Aurélio, num tom alto de autoridade.

Angelina, muito sem graça, pediu desculpas pela situação e se retirou.

Aurélio, ao continuar observando a plantação, encontrou uma rosa no meio do trigo. Confuso e curioso, resolveu vigiar a plantação durante a noite.

Chegando à noite, atento, olhando os trigos, Sr. Aurélio não deixava nem uma mosca passar.

De repente, se mexem os trigos. Logo em seguida, correu Aurélio para ver o que era.

Eles estavam sendo regados, e para a surpresa do homem que estava sempre reclamando de tudo, quem estava regando os trigos era dona Angelina.

A doce velhinha molhava os trigos antes de deitar, pois pensava que estava fazendo um favor a Aurélio, mas esse favor não estava tendo bom resultado... Afinal, Aurélio estava sendo muito grosso com Angelina.

Porém, depois de ver a senhora naquela situação, pedindo desculpas por estar regando os trigos, Aurélio a abraçou, agradeceu pelo que ela estava fazendo, disse que agiria melhor, mas que ele mesmo ia regar os trigos agora.

Angelina entendeu o que Aurélio disse, pediu desculpas mais uma vez, e foi para a casa.

Na manhã seguinte:

- Bom dia! O sol hoje está tão radiante!!! _ disse Sr.Aurélio para dona Angelina que, espantada por nunca ter visto o homem assim, respondeu num tom misturado de timidez com alegria:

- Bom dia! O sol está mesmo muito lindo!

Naquele momento, Sr Aurélio e dona Angelina aguaram suas plantações e criaram uma linda amizade.

3º lugar - O assassinato de Rick

Eloá da Silva de Jesus

Escola Estadual Sebastião Medeiros

- Meu marido foi morto! Ai, meu Deus, e agora? O que vou fazer? Não, não! É mentira! Por favor, meu Deus, faça com que isso seja um grande engano...

- Filha, eu tô aqui no local, meu amor. E seu marido, sim, mas tenha calma, meu bem, calma!

- Como aconteceu isso? Ficar calma? Tô indo aí agora...

- Filha... Filha...

Cheguei ao local do crime e vi meu marido no chão, com uma marca de faca no peito. Ajoelhei sobre o seu corpo e coloquei a mão no rosto dele, desmanchando-me em lágrimas, em gritos dolorosos e tristes.

- Sinto muito, meu amor, é muito triste ver você sofrer tanto assim; por ele, que não merece.

- Quem fez isso, mãe? Quem?

- Filha, não sei. Quando me ligaram, já tinha acontecido o crime.

- Eu disse para ele não jogar mais, porque ele tava devendo muito e não tínhamos mais dinheiro, mãe. Tá doendo muito essa ferida no meu peito. Eu atrás de quem ele devia! Vou perguntar, vou procurar saber se

alguém viu alguma coisa quando aconteceu o crime. Não posso ficar aqui parada. A polícia disse que suspeita de alguém, só que sem prova não adianta nada – ela disse, levantando do chão e enxugando o rosto. _ Eu vou e pronto!

- Filha, filha, ... ah, meu Deus, proteja a minha Ema.

Algum tempo depois...

- Mãe, já liguei para todos que jogavam com meu marido e nada. Ninguém viu e ninguém sabe de nada. Mãe, estou desesperada. Vou até São Paulo, atrás de Ricardo. Só com ele não falei ainda.

- Filha, vem pra casa. Eu sei quem matou seu marido – disse a mãe de Ema, com voz de desespero.

- Como você sabe, mãe? Por que não me disse antes, mãe? Por quê?

A mãe de Ema chega a sua casa.

- Filha, eu sei que você tá sofrendo muito, mas eu tive que matar Rick. Ele acabou com a minha vida, destruiu você de todas as formas. Ele fez você morar de aluguel. Era um atraso de vida para você, filha. Olha pra mim, filha.

- Você... você... você... matou meu marido por dinheiro, mãe, por dinheiro... O que você tava pensando. Você destruiu a minha vida, mãe, eu tô com, com, nem sei se é ódio ou pena. Eu amava ele e moraria até debaixo da ponte por ele, mãe... Você não é minha mãe, não é mesmo?

- Filha, me perdoa. A gente foge, só nós duas, pra longe, e esquece isso tudo.

- Esquecer? Como esquecer? Você me destruiu por dentro – saindo arrasada da casa da mãe, Ema se dirige à polícia.

TOC, TOC, TOC

- Tô aqui, tô aqui, sim. Maria do Carmo de Melo Machado. O que desejam?

- A senhora está presa por assassinato.

Ao sair de casa, Maria do Carmo não teve palavras. Pensou nos olhos azuis de Ema e disse baixinho: "Me perdoa, filha, me perdoa..."

Algum tempo depois, Ema enviou uma carta à mãe. "Choramos por alguém que perdemos. Dói muito, mas quando somos apunhalados pelas costas por alguém que amamos, dói muito mais. Eu te perdoo por tudo porque a vida é feita de recomeços e não de recaídas e desprezo. Espero que você ainda seja feliz. Estou em Madrid e não tenho previsão de volta."

Elis

Eloá da Silva de Jesus

Escola Estadual Sebastião Medeiros

- Comecei a te amar quando você me salvou de uma surra que eu ia tomar por derrubar uma xícara de café na perna de meu patrão, senhozinho Junqueira.

- Eu fiz o que era para fazer. Você é tão linda como uma flor que brota na mais bela tela de um artista, mas eu tenho que ir agora, minha noiva me espera. Adeus, Elis!

- Tchau, Arthur, quer dizer, senhozinho Arthur.

Com mil coisas para se pensar, Junqueira botou na cabeça que Arthur, seu filho, estava apaixonado pela própria escrava. Então decidiu botar um ponto final naquele amor que estava nascendo.

Decidiu sumir como Elis.

- Para onde estão me levando? Me larga! Não! Não! Não!

- Cala a boca, sua negra imunda. Você vai ter o que merece por seduzir meu filho. Levem-na daqui agora! Sumam como ela!

Na casa do senhor Junqueira...

- Pai, onde está Elis? Onde?_ Em tom alto, gritou Arthur.

- Você não consegue disfarçar. Você ama aquela escrava.

- Eu vou achá-la nem que seja para eu sumir também.

- Eu vou deserdá-lo se você for em busca daquela escrava nojenta.

- Não importa o dinheiro, pai. O que importa é o amor que eu sinto por Elis.

- E sua noiva?

- Eu desfaço o meu compromisso com Amélia.

Arthur montou em seu cavalo e partiu em busca de seu grande amor, Elis.

Noites de pesadelo, dias de angústia e nada de Elis. Ao olhar pro céu, pediu a Deus para autorizar seu encontro com a amada.

Elis, lá estava ela, toda suja, em trajes velhos e e em uma gaiola como se fosse um bicho.

- Sinhozinho Arthur, graças a Deus.

- Leva ela pra casa!

Ao chegar em casa, Arthur recebeu a notícia de que seu pai morrera. Foi uma dor grande. Duas semanas se passaram e Arthur e Elis se casaram e deram a alforria para todos os outros escravos da fazenda.

Em suas palavras, eles disseram:

- Nunca desistam! A vida não é tão ruim porque Deus olha por nós, escravos, e tenho certeza de que no céu ele deve estar em amor, alegria e paz ao saber que metade na nossa nação foi libertada.

Eu tenho orgulho de ser negra, pois eu sou aquela que sempre lutou. Eu sou Elis!

O mistério do porão

Gabriele Pereira Xavier

Escola Estadual Sebastião Medeiros

João nunca tinha ido ao porão do velho casarão de seus avós. Nas férias de julho, ele passava alguns dias na casa deles, mas aquele espaço continuava misterioso.

Curioso, João pegou as chaves e decidiu ir até lá. Esperou todos dormirem e foi passando pela cozinha. Abriu a velha gaveta do armário e pegou uma lanterna.

Assim decidido, seguiu. Subiu aquela velha escada. Chegando lá em cima, se deparou com um lugar muito escuro e com muitas teias de aranha; mesmo assim, João seguiu. Ao entrar no porão, ouviu um barulho que vinha de trás de uma penteadeira, um pouco assustado e curioso.

Ele seguiu aquele barulho e decidiu puxar a penteadeira para descobrir o que era. Mal seus dedos tocaram nela, a porta atrás de si fechou com estrondo, impulsionada pelo vento, aterrorizando João, que mesmo assim resolveu continuar o que estava fazendo. Arrastou então aquela velha penteadeira e não havia nada.

Depois de ver que não havia nada atrás daquele velho objeto, resolveu ir embora, mas quando chegou perto da porta, João ouviu o mesmo barulho. Só que, dessa vez, era dentro de um velho guarda-roupa.

Curioso, foi em direção do objeto, surpreendido pelo que viu. Era apenas um rato. Ele, um tanto aliviado, deu uma risada e disse:

- Então era você, né, rato danadinho!

E assim abriu a porta e foi para o seu quarto descansar.

A curiosidade de Pedro

Vitória Aparecida de Oliveira

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Pedro nunca tinha ido ao porão do velho casarão de seus avôs. Nas férias de julho, ele passava alguns dias na casa deles, mas aquele espaço continuava misterioso. Curioso, Pedro pegou as chaves e desceu para o porão. Chegando lá, não viu nada de estranho, só tinha alguns móveis velhos, todos empoeirados. Então decidiu ir embora, subiu para o jardim e foi brincar com seu cachorrinho, brincou até cansar e depois foi lanchar.

Pedro, com sua curiosidade, no dia seguinte, voltou ao porão, escutou uns gritos e ficou assustado.

Tentou sair, mas o vento tinha fechado a porta. Ele ficou desesperado, e cada vez mais o porão ficava assustador. Veio uma sombra e o abraçou. Pedro sentiu, naquele momento, que seria o seu fim. Aquela sombra era avassaladora e tinha unhas enormes.

O porão ia escurecendo e Pedro não via mais nada. A sombra veio com suas unhas enormes e começou a atacá-lo, tirando pedaços de seu corpo. Ele pedia socorro, e seus avós não escutavam seus gritos. A sombra comeu Pedro todinho. Seus avós deram falta dele e foram procurá-lo, mas não o encontraram em lugar algum.

Cada dia mais desesperados, até que um dia resolveram ir ao porão. Chegando lá, viram marcas de sangue no chão e ficaram desesperados. A sombra veio e matou cada um deles.

Depois a avó de Pedro acordou desesperada e viu que aquilo tudo era um simples pesadelo.

Sonho por sonho

Rodolpho Luiz Santos Mattozinhos

Escola Estadual Professor Botelho Reis

Como de costume, um rapaz chegava a sua casa, cansado da rotina diária, do trabalho duro da manhã até a noite, sem reclamar, sem

menosprezar a vida que levava, pois acreditava que era o caminho para um futuro melhor!

Sua amada esposa também acreditava e abraçava uma mesma causa, e viviam uma mesma rotina, buscando construir juntos uma saída.

O encontro de ambos, no fim do dia, era uma coisa mágica, parecia até que não se viam. Havia amor e esses momentos eram inesquecíveis! Em uma simples troca de olhares, se enxergava luz no olhar do casal, uma luz que refletia o sonho de crescer na vida, que ambos carregavam juntos.

Porém, o tempo fez com que a ganância falasse mais alto do que o amor. A esposa, que, assim como o marido, acreditou em um sonho que sonhavam juntos, viu uma oportunidade de melhorar suas condições de vida, com outro marido. Sim, o amor perdeu, e morreu, mas por apenas um lado.

Hoje, seguem com apenas vestígios do que já tiveram um dia. O marido também conquistou o patrimônio financeiro desejado, porém, o desejo maior que ambos tiveram um dia, nunca será realizado, pois isso eles já tinham, e perderam. Nesse caso, infelizmente, um sonho destruiu o outro.

CONTO – ENSINO SUPERIOR

1º lugar - O jumento e eu

Alex Alexandre da Rosa

Universidade Presbiteriana Mackenzie

O sol já não castigava tanto. A poeira, que antes havia se assentado sobre nossas esperanças, revestindo com camadas grossas os telhados, os galhos secos, os vales e a vida foi varrida pelo vento; e extinguida pela chuva tardia... Há muito rogada por todos nós. Mas, que trouxera de volta a promessa dos brotos verdes ao nosso sertão e aos nossos corações.

A seca não foi a mais forte que já enfrentamos; tampouco, amena. Severa como sempre, fez estragos. Com o tempo a gente se acostuma, aprendemos a suportar como os Umbuzeiros, que resistem à estiagem e reinam na caatinga. Porém, a cada ano, vamos secando junto a suas razões – se é que existem razões –, de dentro para fora. Os sonhos e bens que ela nos tira é irreversível. O sol que seca os rios, seca também as esperanças.

Enquanto volto sobre meu jumento – único animal que me restou –, lembro-me dos anos de vacas gordas; das quermesses; dos sorrisos; do leite esbanjado pelas crianças. E como haveria de repreendê-los, se sempre nos faltou? Se sempre nos foi negado a abundância das coisas. Eles tinham o direito de aproveitar a cada gole, a cada refeição. É certo que não tinham passado pelo que passamos, e, por isso mesmo, eu não queria que tivessem privações. Fosse o que fosse que viria depois – como houve de vir –, aproveitamos o curto tempo de fartura.

Foram dois anos de demais alegria, plantávamos e, diferentemente de outras épocas, colhíamos. Até que fomos presenteados com uma velha conhecida. Achávamos, ingenuamente, que ela tinha nos esquecido. Então, de forma impiedosa, ela fez nos lembrar de toda a dor qual é capaz de reger. Pouco tempo por cima da carne seca, fez com que esquecêssemos, e, assim sendo, tornando-nos fracos. Isso fez com que sofrêssemos mais sua miséria.

Foi assim que ela devastou o cevado, dizimou os animais, secou os corpos – até virarem ossos. Primeiro; os rios, depois, os poços e, por fim, as lágrimas. Nada resistiu.

Tínhamos duas opções: fugir ou sucumbir à miséria. Sob o sol cada vez mais intenso e opressor, qual fazia com que os lagartos se escondessem, e até com que os umbuzeiros desistissem, não foi difícil decidir.

Foi essa minha última lembrança antes de ir embora: um campo amarelo ofuscado pela poeira que pairava sobre a aridez das esperanças.

Agora, nove meses depois, tudo está diferente, voltando a ser como antes, enquanto também volto, preparando-me para uma nova estiagem. Mas, pelo menos, a vida renasce. Como sempre.

Um fio de água começa a encher o barro seco; as folhas de pé de mandioca brotam bravamente na terra e o verde começa a despontar sob a cinza dos corpos e urubus que enfeitam minha velha casa.

Aqui... As lágrimas voltam. Surgem aos soluços. Depois de tudo que suportamos, não é preciso mais aguentar. Tudo aqui tem a presença viva da morte. Sei que haverá comida, outros animais, outras secas... Mas, nada será como antes.

Do lado de fora, o jumento cansado; de dentro, apenas eu para enfeitar a solidão dos cômodos e mormaço... Éramos cinco.

CONTO – PÚBLICO

1º lugar - Uns trocados

Natalino da Silva de Oliveira

Saíra naquele dia (e usei o pretérito mais-que-perfeito esnobando meu vocabulário - eu negro pobre e periférico - na tentativa de esboçar o meu conhecimento formal e certo eruditismo ridículo). E me lembrei de um poema de Baudelaire que reescreveria assim...

Mas, nada disso faz sentido e fará ainda menos caso venha a morrer de morte violenta em uma esquina qualquer sem aviso, sem nota nos "jornaizinhos" de um real. Contudo, voltemos, após esta terrível digressão, à nossa história.

Saíra, como sempre saíra de sua casa - pasmem, ele tem casa, um lar, uma família estruturada, amor, carinho, tem namorada, sonhos, livros. Imagine, livros! Sim, livros! Os clássicos da literatura mundial em capa dura comprados em algumas daquelas promoções de banca de revista. E saíra de casa às quatro horas da manhã todos os dias para trabalhar - trabalho infernal como todos os trabalhos informais em um Brasil imoral. A pátria (do latim pater - pai) insiste em ser mãe gentil, porém é apenas um pai "fodedor" vestido de mãe para nos enganar, fazer com que a ame para, enfim, te foder. Ele saíra de casa com a marmitinha bem-feita, comidinha gostosa, carinho em forma de gastronomia simples. Descera o morro e conhecia todo mundo, era respeitado, amado, rapaz direito, o genro perfeito para qualquer família. Seu trabalho era simples e consistia em se humilhar e calcular sempre. A humilhação surgia da necessidade de pedir e atuar (ganharia um prêmio com o olhar fugidio que era capaz de fazer - entendia de psicologia, pois sabia adivinhar o olhar que precisava para obter seu êxito - o riso frouxo para alguns; o olhar de peixe morto para outros; até mesmo o choro que descia em rios de lágrimas); o cálculo era feito com o seu relógio interno - calculava o tempo do sinal e quantas moedas conseguiria - sabia qual era o melhor ponto e conquistara o seu lugar naquela fila enorme de carros.

Naquele dia, aquele era um bom dia. Era apenas parte da manhã e já conseguira sessenta reais. A parte da tarde era muito melhor e, certamente, iria somar mais de cem reais naquele dia. À noite iria direto do trabalho para a escola. Mas, calculou errado, usou seu olhar amedrontador para a pessoa errada. A moça gritou, fechou o vidro antes mesmo que pudesse recolher o dinheiro recebido, com a mão presa no vidro, o desespero - um policial por perto (viu o negro e também calculou a fórmula infalível: negro igual a ladrão, assassino, facínora - não viu o menino, estudante, rapaz honesto). Um projétil cortou-lhe a testa enquanto o suro descia ligeiro, vermelhou-se em

sangue, vivo e vermelho, caiu ao solo, a marmitinha ainda quente não iria comer, ao solo metálica se abriu, arroz, feijão, ovo frito. Ainda tinha couve verdinha passada no óleo com alho cheiroso. Caiu ao solo - menino, sonhos, negro, namorada, bom menino, genro querido, família e sessenta reais, caiu e era apenas uns trocados.

2º lugar - Às moscas

Aparecida Gianello dos Santos

Brancas nuvens na cabeça, olhos fixos no teto. Ainda estão lá, as moscas... Calcula que já sejam centenas. Quiçá milhares. Certeza de algum animal jazendo no forro. Franze o nariz decidido a dissolver o problema ainda naquela tarde, antes mesmo que despenque o negrume do ocaso. Igualmente, compromete-se com maior rigor recolher o lixo, tarefa da qual se dedicara a bem desempenhar muito antes de tudo acontecer. Não obstante sua memória pareça ultimamente diminuída, os cuidados devidos com a própria imagem seguem ordenadamente.

Uma boa espreguiçada e vai tomar seu banho, o primeiro de tantos. Adquirira a mania depois dos ocorridos. Quando finalmente se convence de não mais haver nenhuma sujeirinha incrustada, ensaboa-se mais uma vez. A fim de garantir que eventuais odores exalem de seus poros, permite-se ainda ao luxo de duas ou três esparzidas de Kölnisch Wasser.

Um dia sucedeu de os filhos, o gato, o cachorro, todos se irem. Ficaram os dois, mas apenas por um tempo até ela cismar de querer o desquite. Agora está só, preso naquela sua bolha-mundo chamada rotina. Mas longe de remexer nas feridas, fazer mais dor. Importa-lhe tão-somente o agora, lembranças o ferem mais que tudo. Segue tentando assim se refazer.

Enquanto passa o café, amarga ansioso os minutos que faltam para a chegada daquela que religiosamente vem penetrar em seus mandos. O pequeno inseto chega vivaz pela fresta improvisada no canto esquerdo do esqueleto da janela. É bem-vindo, diferente daqueles outros – bichos dos infernos... Despretensiosamente, ela invade o espaço, ora pairando sobre os aromas do café, ora circundando sua pesada cabeça. Ele parece gostar, consentindo-se à bisbilhotagem. Talvez queira deixar pistas com a amiga abelhuda. Um registro ainda que vago de seu complexo e multifacetado universo, capturado pelas lentes e antenas precisas de uma miúda arapuá.

Momentos depois, na sala de estar, ele tenta se distrair com um punhado de jornais velhos para que não venha a abespinhar-se. Urge-lhe inundar-se novamente daquelas brancas nuvens, e se entrega à afobação dos afazeres. Os cuidados da casa tem sido a abstração perfeita contra os

venenos do ócio, inibindo até o mais prosaico deslize. Logo o cheiro de lavanda alastra-se pelos cômodos, disfarçando o carregado ar que antes pairava sobre a antiga mobília, tornando o ambiente mais leve, aconchegante e receptivo. Pena que ninguém mais o visite. Nesse momento ele se lembra dos amigos... Foram desaparecendo, um a um. Havia tempos que nenhuma viva alma transitava por ali.

O silêncio fatídico das horas é quebrado apenas pelo ranger de alguma porta ou janela mal fechada aos açoites do vento. O relógio cuco na parede, bem carece de reparo, mas não lhe dá corda, pelo que anda tendo uns tiques. Vez ou outra solta um grunhido assombrador.

Ao meio-dia, novamente ele se vê na cozinha, é hora de aprontar o almoço. Cuidadoso, arranja tudo com capricho. Sabe que precisa se manter ocupado ou eles chegam – inoportunos! A distração o mantém incólume, impedindo os pensamentos de tomarem suas formas.

Monótona e repetitiva, a tarde surge decrépita. É quando ele sente mais forte o sumo da pestilência raspando-lhe a garganta. A solidão não dá trégua até levá-lo a uma agonia sem precedentes. Começa com um leve descontentamento por volta das três e atinge seu ápice às seis, com a aproximação tênue da escuridão. A causa de tudo, ele pensa, são os pensamentos. Desconfia ainda que sejam eles a atrair aquelas moscas todas. Quem sabe não devesse tomar uma decisão. Quem sabe não devesse quebrar a rotina, buscar uma solução. Quem sabe um bom veneno... Só assim o deixariam em paz.

Após o jantar, agora mais sereno, segue com seus costumeiros ritos. Ele se banha e se veste, e se abeira da cama e ali se estende, fitando o teto... Pleno de que aquela sua decisão tomada há pouco surtiria efeito, sorri cerrando os olhos. Amanhã, será outro dia.

Ainda está lá, às moscas...

3º lugar - Gol de placa

André Luís Soares

Naquele domingo quente de abril, após a partida contra o time da *Parmer*, fomos curtir a noite na *Literal Club*, por conta da vaga antecipada na final do campeonato de futebol do ABC Paulista, onde já nos aguardava o *Router* – arqui-rival, vencedor do primeiro turno, cujo saldo de gols lhe conferia a vantagem do empate.

Artilheiro do jogo, eu parecia endiabrado na pista de dança. Ainda mais após saber que Joel, goleiro que enfrentaria na partida decisiva, também

estava por ali. Nós vínhamos nos estranhando em campo já há dois anos. Sempre que nos enfrentávamos dávamos muito trabalho ao árbitro. No último confronto, por conta de uma entrada mais dura, ambos fomos expulsos. Naquela noite, em meio à festa, acrescentamos novo item a essa rivalidade: Cleuza. Morena esguia, de cabelos longos, gestos meigos e olhar provocante, que passou a noite flertando conosco – ora dançando comigo, ora com ele. Quando viu que a briga seria inevitável, ela nos chamou a um canto da boate e, rindo-se de nosso jeito de galos de rinha, falou em tom deliciosamente debochado:

– Eu só gosto de campeão! – Depois, soprou-nos um beijo, saindo sem olhar para trás.

Antes de deixar o recinto, Joel e eu ainda trocamos empurrões e ameaças, até sermos apartados por quatro brutamontes da segurança local. Durante duas semanas, após meu turno na *Ford*, treinei pesado todas as noites. O adversário era conhecido pela defesa quase intransponível, cuja retranca contava ainda com o habilidoso arqueiro. Nos bastidores, comentava-se que o Bragantino o teria convidado para jogar o Paulistão no ano seguinte.

No primeiro domingo de maio – dia da decisão – cheguei cedo ao campo da *Metagal*, em Diadema. Calcei as chuteiras novas e fiz preces a São Jorge. Quando, enfim, entrei em campo, a pequena arquibancada estava lotada. Vi Cleuza colada ao alambrado. Ela me sorriu docilmente. Do lado oposto do campo – sob as traves –, Joel esboçava igual satisfação, levando a crer que também ganhara sorrisos da bela moça.

A partida começou em meio à chuva fina. Em campo, a marcação dupla não me deixava pegar na bola. Logo vieram as primeiras vaias, ferindo meu ego de apenas vinte e cinco anos. No intervalo, seu Nonô – o técnico – aos brados, beirava o infarto:

– Que merda é essa, Leco?! Quando você vai começar a jogar?!

Voltei para o segundo tempo só porque já haviam sido feitas as substituições. A defesa do Router batia forte. Irritado, após um carrinho desleal, em que entrei com o pé alto, recebi o amarelo. Não bastasse, no único ataque em que fiquei cara a cara com Joel, ele se mostrou magnífico. Do campo, pude ouvir o entusiasmo de Cleuza sobrepor-se ao grito das torcidas.

Faltando dois minutos, fui lançado. Girei ágil sobre o próprio corpo, livrando-me do primeiro marcador. O segundo, no entanto, derrubou-me próximo à área. Falta! Seis homens compunham a barreira. Ajeitei a pelota com carinho. Bati com o lado de dentro do pé. Como um felino, Joel esticou ao máximo seus mais de dois metros. Porém, por sobre as cabeças

saltitantes a bola voou em curva até o ângulo. Nem Einstein teria feito cálculo tão preciso. Saí do campo nos braços da galera. Após erguer a taça e dar a volta olímpica, prêmio ainda maior me aguardava fora do gramado, com olhos brilhantes e sorriso largo.

Um ano depois nos casamos. A foto do *gol de placa* – estampada em quadro gigantesco – foi parar na sala do presidente da fábrica, estando ali já há quase trinta anos.

(...)

Na manhã de hoje, contudo, um jovem diretor, após anunciar o fechamento da fábrica e assinar nossas demissões, disse que, se quisesse, eu poderia levar a foto. Em face da surpresa, não consegui recusar. Com dificuldade, peguei o imenso quadro e o arrastei rua a fora, até encontrar um *container* de entulho, onde o abandonei. Afinal, não havia como guardá-lo no quartinho dos fundos da pequena casa do filho caçula, onde – desempregados e doentes – eu e Cleuza iríamos morar a partir de agora.

Ninguém por nós

Edileuza Bezerra de Lima Longo

Talvez eu seja a única cidadã de uma megalópole que não esteja nem aí para aqueles semáforos demorados como a vida das personagens bíblicas que sempre me fascinaram. Fico na minha e, calmamente, observo o movimento dos cruzamentos. E a gente vai adquirindo certos hábitos.

Imaginem que um amigo, num desses sinais que só beneficiam aos assaltantes; observou que todos os escapamentos dos carros ficam do lado esquerdo; exceto os carros de uma determinada fábrica, que são todos do lado direito.

Acho que só os paulistanos têm tempo para isso, visto perdermos metade de nossas horas parados em carros sem nem ao menos olharmos para o lado, ainda mais agora com a febre dos *smartphones*, né mesmo? A gente só vê os dedinhos correndo nas telinhas como ágeis lebres, enquanto o sorriso mostra todos os dentes.

Eu analiso seres. Coleciono amigos. Tem o garoto da água. O do pano de prato. A senhora daquela casquinha que é uma delícia, mas faz uma sujeira no carro! E tinha a Daniela. Uma linda menina que adoçava o cruzamento de duas grandes avenidas com suas guloseimas e, às vezes, enfeitava com rosas vermelhas.

E aquele semáforo era nosso aliado. Eu sabia que já estava na quinta série, que ia muito bem na escola e que só vendia doces e flores, “pra aumentar o tal salário tão mínimo da mãe viúva”!

Um dia, sorri ao enxergar as flores. Mas não era o sorriso da Dani que estava por trás do ramalhete. Era um sorriso maltratado de um garoto. Perguntei por ela.

–Teve meningite. Não tinha vaga em nenhum hospital e ela morreu.

Meu Deus! Parecia que estava falando de uma barata que alguém matou.

–Como assim, morreu?!, falei surpresa.

–Mas, vai continuar com algumas partes do seu corpo em outras pessoas. A mãe doou os órgãos. Em algum lugar ela está.

Senti um gosto amargo na boca. Um calafrio em pleno verão. Quase deixei o carro morrer, assustada com a buzina insistente do amigo de trás que tinha pressa de correr não sei para onde. E lá na minha frente, um *out door* estampa o sorriso hipócrita de um político prometendo mais dinheiro para a Saúde. Senti-me duplamente roubada. Além dos assaltantes de bens, roubam-me agora no semáforo: a amizade, o respeito, o amor, quer dizer, outros tipos de bens. E todo aquele Imposto que vem descontado em meu salário? Por qual esgoto se esvaiu? Que maldita cueca ajudou a rechear? Que pena!

Podia ter servido para uma vaga em um Hospital, né Dani? Cadê agora meu sorriso amigo? Cadê a sinceridade daquele político? Cadê a sensibilidade daquele garoto ao falar de morte? E a raiva invadiu meu peito e as lágrimas explodiram, lavando a alma que ainda tenho. Que bom, ainda não a roubaram! É, Dani, se Deus existe mesmo, devia estar precisando para caramba de um anjo! Mas...

E nós? Adultos de risos camuflados. Que aqueles que receberam seus órgãos e tecidos tão jovens saibam merecê-los! E que bondade de sua mãe fazendo a doação! Você, tão pequena, fez tanto por vários. Mas, alguém brigou de verdade por sua vida? De repente me deu um medo! Nunca me senti tão só e desprotegida.

Senti que não temos, miseravelmente, ninguém por nós!

Bambu

Elisa Shizuê Kitamura

Seu vestido preto e branco refletia a cor dos últimos dias na sua terra natal. Mesmo sem entender bem o porquê, sabia que não seria uma viagem de férias.

No porto tudo era barulhento e confuso. Muitas pernas apressadas. O pai, a mãe, sua irmã e ela, pequenina, adentraram o gigante navio e acenaram para o irmão que ficara para trás.

Notou uma lágrima furtiva nos olhos de sua jovem e bonita mãe, aquela que alegrava a casa tocando shamisen. Nunca mais a veria tocando-o novamente.

Os dias no navio custavam a passar. Notou que sua irmã parecia mais velha, carrancuda. Não queria brincar de roda cantando com ela. Ainda assim queria-a por perto. Tinha medo de ter que se separar, como aconteceu com seu irmão, acenando do porto.

Enfim, chegaram à terra que prometia os sonhos que a guerra roubou deles. Era a esperança da prosperidade para seu pai, do reencontro em breve com o “filho que ficou” para sua mãe e da felicidade para a irmã. Para a pequenina bastava que fosse um lugar que pudesse brincar sem medo.

Tudo que os era habitual anteriormente, não mais existia. O emprego no banco, os kimonos de seda, a casa confortável, a escola, os brinquedos. A realidade era preta e branca, como as cores de seu vestido naquele dia no porto.

Agora moravam no campo, numa casa de barro, trabalhavam na lavoura de tomate, não vestiam kimonos nem ouviam o shamisen. Seria por um ano apenas, mas os anos se amontoaram.

A esperança abandonou seu pai, levado pela morte por tristeza. E abandonava, diariamente, sua mãe, sua irmã e até ela, não mais pequenina. O último fio de felicidade se rompeu com a doença da irmã.

A irmã já moça, tinha pele macia, cabelos longos negros e viçosos, quase não parecia calejada pela lida na lavoura. Até que começou a se sentir desanimada e arder em febre. A mãe recomendava banhar-se com água fria na tina que ficava no quintal de casa. Conforme a febre baixava, escutava-se sua bela voz entoando músicas que as transportavam para um tempo e um local tão distantes... será que já existiram? Até que um dia, no quintal de casa, ouviu-se o canto derradeiro e talvez a irmã tenha, enfim, voltado para aquele local da sua lembrança.

Então, eram apenas a mãe e ela. Sem meios para voltar, sem contato com aquele que “ficou para trás”, hoje um estranho. E quando pareceu que haviam arrancado tudo dela, chorou tudo o que havia represado.

Então, sua sábia mãe, machucada como ela, esperou que as lágrimas secassem e ensinou-lhe a mais importante lição.

Aprendeu que seria necessário ter raízes sólidas, mas deixar-se levar com o vento; que embora aparentasse fragilidade, nunca deveria esquecer-se da força que existia dentro de si; que deveria ser útil às pessoas, pois também precisaria delas; que as adversidades seriam incapazes de derrotá-la se ela não deixasse; que estando livre do que não importava abriria espaço para o novo, para crescer sempre; que a simplicidade sempre seria mais impressionante que a soberba.

Ela, ainda jovem, aprendeu a ser tal qual bambu.

E permaneceu.

A vaca amada

Gisela Lopes Peçanha

Benedita era uma vaca da fazenda do Coronel França; malhada, gorda, com os olhos sempre levemente umedecidos e - *diziam os peões* - ela sabia a hora que iria morrer no abate. Sensível, ficava inerte quando havia cantoria em noites de luar...ouvindo os trovadores. Se emocionando. Quase gente.

Em sua defesa e proteção, existia Marianita, a filha do coronel - e que nutria um amor especial por ela. Benedita era sua vaca dileta: companheira de sua infância. Assim, em dias de abate, Marianita inventava febre, dor no peito, constipação e desmaio, a dissuadir o pai do extermínio da malhada. A vaca tivera seis crias durante a vida, mas agora, seu leite havia secado... idosa, sua serventia estava nula. E, seus dias, contados.

Numa manhã de sexta-feira, no toque da alvorada, o peão Vladimir - *que conduzia os animais para o desencarne* - fez soar o alarme de misericórdia: o badalar do sino da capela. Era uma combinação entre ele e Marianita - badalava o sino, e estava entendido o aviso; rapidamente, Marianita pulava da cama e saía correndo para o pasto, a retirar Benedita da boiada. A vaca tinha uma espécie de coleira, feita por sua protetora- *uma corda azul toda forrada de feltro macio* - a não arranhar o pescoço da bicha. Catar Benedita no meio de centenas não era tão difícil, por conta de sua obesidade diferenciada; e já a conhecia muito bem, desde os cinco anos de idade, e desde quando a vaca ainda era um bezerrinho.

Porém, certo dia, o sino da capela não tocou... despencou com o vento, durante uma tempestade na madrugada. E era dia de abate. Marianita acordou de súbito, e saiu em disparada rumo ao local de sacrifício.

Lá chegando - *e sem nada entender* - avistou seu pai de joelhos, ao lado da vaca. Em prantos. Curvado. De cabeça baixa. Os peões, de pé, rezando: todos com seus chapéus de vaqueiro nas mãos. Havia um latente silêncio, tal qual uma oração pungente. Vladimir era um dos que mais soluçavam e, com os olhos vermelhos e esbugalhados, fitou os olhos de Marianita, tentando explicar o que jamais conseguiria dizer com palavras.

Há meia hora passada, a vaca já estava pronta para a degola *(posicionada em direção à Meca),* com uma faca traçada em seu pescoço: para que o próprio coronel a laminasse - quando algo aconteceu. O algoz a olhava fixamente e, ela, mirava os olhos dele. Ele tremia a faca diante daqueles olhos. Olhos humanos. Não os dele. Os dela. E eles choravam. E as lágrimas pingavam como uma cachoeira, inundando as botas dele.

Quando o facão apertou seu couro - *já para ser cortado* - Benedita mugiu.

Mas não foi o mugido de um animal. Foi um choro de uma criança. Um pranto de um bebê. Um lamento. E consagrou-se, ali, um silêncio comovido - diante do que todos presenciavam. Neste instante, viu-se homens rudes e capeais, fortes e barbudos, soluçando como meninos; em seguida, entoaram a prece do Pai Nosso, rodeando a vaca sagrada. E, assim, ficaram por todo o dia...

No raiar da manhã seguinte, Marianita acordou com o sol quente e acolhedor. Levantou-se, foi até a janela e viu - *ao longe* - seu pai passeando com Benedita. Os dois, lado-a-lado. Ele caminhava lentamente, sem pressa, no ritmo dos passos da ‘’velha senhora’’. E ela usava a coleira azul, para não machucar o pescoço. A partir deste dia, a fazenda deixou de ser de corte, para ser de leite, queijos e serenatas.

Benedita acompanhou as canções, até o fim da vida...continuou a derramar lágrimas, sensibilizada com os acordes que tanto amava.

Então, certo dia, numa manhã de céu azul turquesa, ela partiu. Não sentiu dor, não padeceu, apenas se foi... como uma vela que se apaga. Rodeada do coronel, dos peões, e sob o choro de amor de Marianita – que, de perto dela, não saiu nem por um instante. Os violeiros tocavam as toadas que ela mais amava... E, em seu derradeiro suspiro, a vaca amada não mugiu...cantou! – Como que para homenagear a todos os que a acompanhavam, em seu momento final.

Assim, fechou os seus olhinhos negros e encantados, e mais uma lágrima de emoção rolou...pela última vez.

Heurística

Luis Cristiano de Souza Parente

A coisa toda começou de um jeito súbito, como um estalo no silêncio da noite. Num instante, tudo era harmonia e, no outro, o inferno corria solto.

É difícil precisar o que aconteceu. As testemunhas costumam ser de pouca ou nenhuma ajuda em momentos assim; ora aumentando os fatos, ora contradizendo alguém (ou até a si mesmo), ora partindo para um campo sentimental que nublava o ocorrido. Com tantos envolvidos, encontrar uma versão definitiva era como caminhar num campo minado.

Eram por volta de cinco e meia da tarde e o ônibus estava cheio, mas não lotado. Todo o estresse de fim de expediente se acumulava sobre as cabeças dos passageiros, como aquelas nuvens de chuva dos desenhos animados, junto com uma névoa de suor e suspiros de impaciência. Um dia feito qualquer outro até aí, só uma fatia da vida metropolitana.

Segundo a maioria dos depoimentos, tudo começou a dar errado quando o motorista parou no ponto e abriu a porta de trás para que uma pessoa descesse – e escapasse, por sorte, de tudo o que aconteceu depois. Assim que desembarcou, um garoto subiu com uma caixinha de chicletes na mão, talvez para vendê-los. Era negro, magro, usava roupas simples e não teria mais de quinze anos.

O piloto o viu subir e, de imediato, se colocou de pé enquanto o menino caminhava para a frente do coletivo. Com trovejante, mangas arregaçadas e horas de trabalho pesando, vociferou um "desce, porra" cheio de energia e ameaça. Todos os olhares se focaram no mais novo, que ainda tentou argumentar, mas ouviu apenas o mesmo comando ser repetido e deixar claro que não haveria apelação.

Vencido, deu meia-volta e se dirigiu à saída. Por acidente, esbarrou numa das pessoas que estavam de pé. De imediato, o homem, secretário de um escritório de advocacia e pai de três crianças, uma delas com idade próxima ao garoto ali, levou a mão ao bolso direito da calça, onde geralmente deixava a carteira, e deu por falta do volume. O grito de "ele roubou minha carteira" saiu mais rápido do que o impulso de conferir o bolso esquerdo onde, horas mais tarde, descobriria a carteira intacta.

De pronto, outro indivíduo, um balconista de farmácia que tinha plena convicção de que a diminuição da maioridade penal seria a solução para a criminalidade, se levantou de seu banco e agarrou o jovem pelo braço.

As contradições dessa parte vão desde "ele tentou fugir" até "ele puxou uma arma". Em uma semana, muitos jurariam de pés juntos que ele tinha

um fuzil, tamanha a capacidade da memória humana de se alterar e se remendar. O fato é que outro homem se levantou (por uma coincidência da vida, havia morado numa casa vizinha a do garoto na infância e talvez fosse capaz de, com algum esforço, reconhecer a mãe dele como uma antiga colega de sala) e também o segurou. E jamais admitiria isso, mas havia sido o primeiro a fechar a mão e lhe acertar uma pancada no braço num estalo que reverberou pelo ônibus e pareceu atiçar a fúria de todos.

A turba o cercou e o arrastou para fora, rasgando sua camisa com a violência dos puxões e acertando-o com socos, tapas, chutes. Senhoras de cinquenta anos, muitas com netos até mais novos, davam bofetadas entusiasmadas. Um jovem que cursava o quarto semestre de um bacharelado em história conseguiu rasgar a orelha do menino com um pesado golpe na lateral do crânio. Uma mãe, cuja filha de quatro anos assistia a tudo da janela do transporte, desferiu um pontapé contra seu tornozelo que o derrubou para que, enfim, fosse pisoteado e chutado.

Longe de satisfeito, o motorista o ergueu mais uma vez e, com a ajuda de um senhor de sessenta e oito anos de idade, pegou um fio elétrico jogado no chão, amarrou-o ao redor do pescoço infantil e jogou a ponta por cima de um galho de um antigo ipê. Com sombria empolgação, as pessoas correram para a corda e o ergueram do chão para enforcá-lo.

A criança ensanguentada e semiconsciente ainda se debateu por alguns minutos até que nenhum ar lhe restasse. O corpo pendeu por mais algum tempo antes que os passageiros o soltassem.

Nenhum deles tinha passagem anterior pela polícia e, salvo uns poucos, a maioria sequer tivera episódios de violência antes. Todos pareciam profundamente desconsertados, exceto a garotinha de quatro anos, que ainda segurava a camélia branca que colhera mais cedo com a mãe, e parecia alheia a tudo.

Na delegacia, os testemunhos eram variados, mas, em algum momento, evocavam um título para si: "sou um cidadão de bem". Não a toa, esse era o título do principal periódico da Ku Klux Klan. Não há nada mais perigoso do que um cidadão de bem.

Vocativo chama vírgula

Paulo Roberto de Oliveira Caruso

Odorico Paraguaçu era um escritor amador como tantos outros no Brasil. E, como tantos outros no Brasil, ele publicava os seus textos de formas impressa e virtual sem, entretanto, revisá-los ortograficamente, como sempre se aconselha, se algum escritor gostaria de ser levado a sério. Certa vez, enquanto estirado na rede da varanda, ele acessava o *whatsapp* de um

dos grupos literários de que participava diuturnamente. Lá chegando, escreveu: “Bom dia pessoal”. Aquela manhã de sábado estava calma demais, e o jovem começou a sentir o peso avassalador dos cílios, mas procurou resistir bravamente.

A seguir, no horizonte do extenso gramado pertencente à família, ele percebeu uma criatura boviniforme. O sol parecia dar ainda mais pujança a ela, e Odorico, que residia sozinho havia uns meses, ficou se questionando de onde o animal poderia ter vindo, uma vez que às terras dos Paraguaçu definitivamente não pertencia. Os dois pareciam se encarar a distância, o que de repente irritou sobremodo a criatura, a qual começou a esfregar irascivelmente o casco dianteiro esquerdo no gramado enquanto exalava fogo pelo focinho negro, constituindo um sinal de alerta ao rapaz. Veio então o que este temia: o animal começou a disparar de encontro a Odorico, fazendo-o se desesperar e se enrolar completamente na rede antes de conseguir se desvencilhar da mesma em definitivo.

O jovem correu esbaforido pelos pampas com o touro em seu encalço; ao passo que corria ouvia algo estranho aparentemente vindo da besta-fera, o que lhe ficou claro ao se ver encurralado contra o muro.

- Môôôôôô... Vocativo chama vírgula! Môôôôôô... – resmungou com olhos de um intenso vermelho-fúria o animal.

- Eu devo estar ficando maluco, meu Deus! Vou largar esse vício em *whatsapp*! Isso é coisa do tinhoso... – falou para si mesmo o ser humano, que, já deitado no chão junto ao muro, tinha a cabeça entre os braços, de modo a protegê-la do iminente ataque.

- Môôôôô!!!! Vocativo chama víííííírgulaaaa!!! Vocativo chama víííííírgulaaaa!!!

- Ma-ma-ma-ma-mas você não deveria falar! Vo-vo-vo-você é um touro! Aliás, que chifre é esse aí em forma de vírgula????

- Vocativo chama víííííírgulaaaa!!! Môôôôô...

Sim, a criatura tinha o chifre em forma de uma imensa e perigosa vírgula! Por conseguinte, ainda traumatizado, o moço enfim se lembrou das aulas de português na escola e dos dizeres da Tia Valfrida, sua professora na aludida língua. Por conseguinte, ele enviou a mensagem mais simplória que imaginou como teste para o grupo de pecuaristas da região:

“Bom dia, pessoal”. Tão logo clicou o *enter,* como que por milagre viu o touro com chifre em vírgula lhe sorrir e desejar um bom dia para, finalmente, desaparecer.

Passados alguns minutos e refeito do tremendo susto, o rapaz se pôs a olhar para o terreno imaginando o que poderia ter acarretado a grande

maluquice na qual ele se vira inserido. Lançou mão novamente do telefone celular e entrou num famoso sítio virtual de busca, mas nada lá encontrou digitando “boi com chifre em forma de vírgula”.

Tendo em vista que as mensagens de *whatsapp* praticamente não cessam, principalmente quando a pessoa se envolve com diversos grupos, Odorico decidiu dar uma fuxicada no grupo literário que mais apreciava, o que o fez logo iniciar a digitação de um poemeto a uma colega chamada Idalina, com que flertava havia uns dias.

Repentinamente, eis que lhe apareceu um javali furioso, como por magia (tal qual fora o surgimento do touro estranho) que, assim que viu o ser humano, imediatamente começou a persegui-lo com ainda mais ira do que o bovino! O moço consequentemente correu até um cajueiro do quintal e subiu o máximo que pôde, sendo que enfim conseguiu ouvir uns resmungos.

- Rrrrrr! “Mim” não faz nada! “Mim” não faz nada! Rrrrrr! Rrrr!!! – vociferou o suíno selvagem, rosnando.

- Se você não faz nada, então por que está me perseguindo? – reclamou Odorico.

- “Mim” não faz nada! “Mim” não faz nada!!!! Ôiiiiiiiiiinc!!!!

Aí foi que novamente o rapaz se lembrou de Tia Valfrida, que corrigia os aluninhos sempre que eles usavam o pronome oblíquo “mim”, no lugar de “eu”, após a preposição “para”. Isso foi o suficiente para Odorico, além de se equilibrar no já bem maltratado cajueiro (pelas cabeçadas insistentes do suíno), sacar novamente o aparelho de telefonia móvel e tentar refazer um verso que fizera com carinho à colega.

No entanto, as sacolejadas na árvore foram tão intensas que, quando o moço enfim conseguiu corrigir o verso do poema trocando o “mim” por “eu” em “Tu dás teu coração para mim amar”, o celular despencou de sua mão e, logo depois, o mesmo se sucedeu a ele próprio! Enquanto sofria a queda livre do alto do cajueiro, finalmente Odorico acordou do pesadelo. Já refeito do terrível sonho e ainda assustado, o jovem se levantou da rede da varanda e percebeu que nada daquilo fora real; acordou na verdade com o som da buzina de seu vizinho e amigo de infância Eufrásio, que o convidava a um churrasco. Sem pensar duas vezes, Odorico respondeu que se sentia indisposto e que faria dieta por tempo indeterminado. Ademais, correu até as estantes de livros e buscou os velhos livros de Língua Portuguesa para revisar os antigos estudos.

CRÔNICA – ENSINO MÉDIO

1º lugar - A caixa programada

Jossane Bispo da Silva

CEFET/MG *Campus* Leopoldina

A menina nasce, cresce e é colocada imediatamente em uma caixa, que vai ficando menor com o passar do tempo. Dentro desse objeto encontram-se algumas coisas, como uma vassoura e um fogão, provavelmente acompanhados de um homem com as alianças na mão, não se esqueçam dos filhos! Dois, dois não, três, quanto mais, melhor. Que sejam meninos e que possam acompanhar as alianças dentro de caixas destinadas a outras meninas. A boneca, a casinha, o fogão e a vassoura com que tanto ela brinca tornam-se verdadeiras em um curto período de tempo. Mulheres foram programadas e moldadas para ficarem dentro de suas caixas feitas pela sociedade e alimentadas pelos pais, sem expectativa de futuro em um mundo profissional fechado para elas. Caso alguma mulher escape de seu objeto e consiga sua profissão, bate de cara com uma porta que se abre para um novo espaço; dentro dele há novas barreiras com uma nova programação, mas mesmo batendo de cara com um novo molde, ela deu um passo e ultrapassou o padrão inicial, mesmo se deparando com várias portas, ela encontra a saída, destrói a caixa e faz a sua nova trajetória, seu novo futuro e com suas próprias escolhas.

2º lugar - Não é tão ruim assim

Kailainy Ferreira Lomba

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Nós vivemos reclamando da poluição, mas nem é tão ruim assim, pois do mesmo jeito continuamos poluindo.

Reclamamos do lixo nas calçadas, mas não é tão ruim, pois preferimos jogá-lo em qualquer lugar a esperar chegar na lixeira da próxima esquina...

Dizemos que falta sombra fresca na praça, mas isso não é tão ruim, pois, quando chove, também reclamamos da lama.

Não gostamos de nossa casa, mas ela não é tão ruim, pois não pensamos em modificá-la e nem em transformá-la. E se pensamos, não agimos.

Reclamamos da educação de nossos filhos, mas talvez ela não seja tão ruim, pois preferimos coisas fúteis a investir em livros.

Dizemos que nosso trabalho é ruim, mas nem é tão ruim assim, pois continuamos no mesmo emprego, sem buscar algo melhor.

Reclamamos do presidente e do Governo, mas nem é tão ruim assim, pois foram eleitos por nós.

Falamos que o futuro nunca chega do jeito que planejamos, mas talvez não seja tão ruim, pois não mudamos o presente.

Será que não é mesmo tão ruim? Não podemos deixar essas estas coisas como estão. Precisamos mudar nossas atitudes!

Busquemos melhorar nossas vidas agora, e, assim, sem poluição e com um melhor futuro, vamos também melhorar a vida dos outros.

3º lugar – Nos habituamos

André Luis Bedim Lacerda

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Não deveríamos, mas nos habituamos...

Nos habituamos à mesmice, por medo, por preguiça de experimentar o novo. Nos habituamos a dizer o que as pessoas querem ouvir...

Nos habituamos ao fácil, por achar o difícil impossível, por não nos esforçarmos, por não sairmos de nossa zona de conforto.

Nos habituamos a fazer o que os outros fazem, a comprar aquilo que os outros têm, para simplesmente sermos o que não somos. Nos habituamos a querer o que é do outro, e o outro também a querer o que não é dele e assim sucessivamente.

Nos habituamos a só fazer aquilo que mandam e acabamos esquecendo o pensar...

A vida é muito curta para nos acostumarmos... Precisamos viver sem ter vergonha de tentar o novo, de ser feliz.

Carta a pátria amada

André Luis Bedim Lacerda

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Salve, Salve! Pátria Amada!

Pátria Amada, pode ser honesta contigo, és cheia de beleza natural, mas existem aqueles que não sabem apreciar-te sem prejudicar-te. Quem te comanda nem sabe ao certo o que está fazendo.

A situação que vivemos hoje não é uma das melhores, mas todos sabem que irás levantar e seguir o seu caminho.

E hoje, Pátria, tu és vítima dessas más gestões políticas.

Hoje, uma pergunta que algumas pessoas estão respondendo é "Que Brasil você quer para o futuro?" O Brasil que eu quero é aquele que tenha mais respeito uns com o outro.

Sua história de Pátria independente já começou com muita luta às margens plácidas do Ipiranga, os filhos de teu solo são um povo heroico.

"Nossos bosques têm mais vida". "Terra adorada, Entre outras mil, És tu Brasil, Ó Pátria Amada"

Tudo é mais uma vírgula

Kailainy Ferreira Lomba

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Acho incrível como as pessoas pontuam seus textos. Com pontos, parágrafos, vírgulas, reticências... Assim como estou fazendo agora.

Mas já pensou fazer isso com a vida? Já pensou ter a consciência e o privilégio de dizer quando as coisas acabam, quando deve parar ou começar algo?

Você deve estar pensando que isso é normal e todos fazem isso, mas não é tal simples assim, meu caro leitor...

Adolescentes podem planejar começar uma boa faculdade daqui a uns dois anos... Sim, eles podem planejar, mas nada é certo... Pessoas planejam um ótimo futuro pra si próprias e tudo bem, as atitudes influenciam muito!..Mas de repente vem o tal inesperado destino e te dá uma rasteira ou então um... um simples empurrão que muda sua rota e você vai seguir outros caminhos...

Agora você está entendendo o que quero dizer? A vida é uma vírgula, sim, como essa que acabei de usar! Nós a começamos, montamos na

esperança de ser como pensamos, mas não sabemos o que vem na próxima linha..! Tudo tem um fim? Pode até ser, mas nunca sabemos quando será...

O seu trabalho, será que vai durar muito tempo? Suas aulas, suas rotinas, até mesmo sua vida. E depois dela, será que é o fim? Ou até depois da morte temos mais uma vírgula? Como muitos creem, será a tão esperada vida eterna?

Isso não cabe a mim ou a você, é algo maior... Alguém maior...

O ponto final virá quando menos esperamos... e talvez na hora nós nem percebamos...

Mas assim, de repente, virá o fim!

Meu pai e eu

Vitória Aparecida de Oliveira

Escola Estadual Sebastião Medeiros

_ E aí, pai!

_ Oi, minha filha.

_ Pai, queria te avisar um a coisa...

_ O que você fez minha filha, você já aprontou mais uma vez, Maria Clara.

_ Não, pai.

_ Será que você só vai me dar dor de cabeça, só vai me dar aborrecimento.

_ Pai, queria lhe falar que estou namorando.

_ Minha filha! Será que você não vai ter juízo, você não tem idade.

_ Mas pai, eu tenho 16 anos, eu já tenho idade para namorar.

_ Filha, esse garoto, pelo menos estuda ou trabalha em algum lugar?

_ Pai, ele estuda e faz curso técnico.

_ Mas, minha filha, como vocês vão fazer para ter dinheiro para saírem juntos.

_ Pai, ele tem dinheiro, tem carro, moto, sítio e várias outras coisas.

_ Minha filha, pode namorar ele sim! Que dia você ira trazê-lo aqui?

_ Ué, pai, já mudou de ideia?

_ Sim, minha filha, ele tem futuro.

O hoje e o amanhã é o que temos de melhor.

Vitória Aparecida de Oliveira

Escola Estadual Sebastião Medeiros

Não devemos deixar os melhores momentos para depois, pois estes são raros. Momentos com a família são poucos, então não podemos desperdiçá-los. Momentos de risos, momentos de conversas, momentos em que um entende o outro, ...

Não deixo para amanhã o que posso fazer hoje: abraçar meus pais, falar o quanto eu os amo, pedir desculpas pela burrada que fiz, contar meus segredos. Não posso deixar para amanhã os momentos com meus amigos, festas, risos, ...

No mundo, há muitas coisas com as quais não devemos nos acostumar, como um tratando mal o outro, pessoas que não conversam mais uma com a outra por causa da internet, a poluição... Nos acostumamos com muitas coisas, mas não deveríamos.

As pessoas precisam ser mais próximas umas das outras; não sendo assim, o mundo fica em perigo, pois há brigas e desentendimentos. Vamos mudar esses costumes inaceitáveis, vamos ser mais próximos, fazer um mundo mais limpo, mais puro, sem rivalidade, sem poluição. Vamos esquecer os maus costumes e nos acostumar somente com coisas boas. Vamos tentar fazer o melhor de nós mesmos, tentando ser pessoas melhores.

Crônica das sextas-feiras

Gabriel Henrique Carvalho Ferreira

CEFET/MG *Campus* Leopoldina

Com certeza, a maior alegria do ser humano se baseia no sucesso, tanto na área profissional como na pessoal. Por conta disso, algumas vezes esquecemos que vivemos em uma realidade em que existem outas prioridades a serem cumpridas, outros afazeres que, ao invés de trazerem sucesso na vida profissional, nos trazem o prazer e a alegria de estarmos bem com nós mesmos.

Minha realidade não é diferente. Mesmo vivendo dentro de uma rotina monótona, levo minhas conquistas sempre estampadas no meu rosto. Sempre sem tempo, ocupado, com a cabeça a mil por hora, por surpresa do destino, em uma ensolarada tarde de sexta-feira, me peguei colocando minha máquina pensante pra funcionar. Nessa hora, queria colocar todos os meus pensamentos em dia. Pensei na vida, na morte, nas alegrias e tristezas, pensei até no impensável!

Como é bom pensar!

Em uma sociedade em que o homem só utiliza do pensamento consigo mesmo, devemos nos dar o “luxo” de pensar, refletir, sonhar, criar, ajudar ao próximo. Enfim, como já dizia o antigo ditado: “mente vazia é oficina do diabo”.

Voltando ao assunto: como uma tarde comum de sexta-feira poderia ser tão relevante?! Pensando com os meus botões, percebi o quão perto, mas ao mesmo tempo o quão longe estamos de nós mesmos, pois vivemos em uma sociedade em que as pessoas sempre estão muito ocupadas, sem tempo para nada. Outro dia mesmo fui ao centro da

Cidade, que por sinal é do interior, e pude ver essa triste realidade. As pessoas estão andando iguais a zumbis, sempre atarefadas, só pensam em trabalho, metas pra cumprir e mais trabalho. Onde vamos parar assim?

Meu pensamento se volta para minha realidade. Apesar de eu sempre estar dando o máximo de mim, me sinto vazio as vezes, me falta algo! Tanta coisas pra fazer que as vezes me esqueço que tenho uma vida social, preciso melhorar, preciso me reorganizar, assim como devo reorganizar minhas emoções e sentimentos.

Hoje pela manhã me senti tão cheio, cheio de esperança, cheio de amor, cheio de alegria!

A vida é curta demais para ser vivida de menos! Assim como eu, mude seus conceitos, seus pensamentos, reveja suas atitudes, ame mais, abrace mais, cuide mais, preze mais pela sua família, seja mais grato, não se esqueça de ser feliz!

Espero que, assim como surgiu uma sexta-feira de tarde ensolarada pra mim, ela desponte para você também!

A janela invisível

Edson Gomes

Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho

Com um livro em punho, preguiçosamente apoiado na soleira da janela, leio. É verão! O colorido das flores enfeita os jardins, a relva cobre as mortes e a brisa leve de manhã acaricia a vida com um suave frescor. Poético, mas nada disso faz sentido para mim.

Continuo a ler... “as paixões vêm com o vento, nos arrebatam as nuvens e nos fazem felizes” ... Vã nostalgia me soa aos ouvidos como palavras vazias que se evaporam ao passo que nos afastamos de nós mesmos. Desisti de ler! Que coisa é esse amor, tão cinza, pálido e sem brilho, sem emoção. Esse mesmo amor, agora, sem calor, já não me incomoda mais.

Não consigo ver o belo naquilo que está ao meu redor, só a face, sem graça, do medo, frio como o mármore, no cálice da minha dor.

Da penumbra do meu quarto, meu alto refúgio, olho pela janela, por entre as cortinas: nem parece que é manhã e que existe vida lá fora. Triste! Mas não consigo ver o mundo por essa ótica. Não consigo me comprometer com a ideia de que, a meu ver, é tão surreal acreditar em finais felizes; tão menos acreditar que exista um lugar para “existir”.

Ouço, por detrás da porta, as vozes daqueles de quem me recuso a ouvir. Mergulhado entre as paredes do meu quarto sombrio, tudo é sem nexo para mim, sem sentido. “Reaja, homem! Não permita ser engolido pelo tempo”.

Coço a barba. Sei que tem algo de errado. Não me reconheço da minha retina. Minha água está cheia de sede. Minha barriga ronca e minhas roupas são familiares. Tenho apatia pelo tempo. Cultivo o tédio e aplaudo o eterno silêncio do vazio ao meu redor. Não creio mais no amor ou se o medo é irmão da dor; se tenho algo pra fazer, já não importa mais... tenho certeza de que não sentirei falta alguma do que não conheci.

Enquanto isso, neste mundo paralelo, é vida que segue, é rio que serpenteia feliz, leito abaixo, ruma ao seu destino. E eu? Apenasmente ajeito os óculos no rosto e fecho as cortinas. Acho que anoiteceu. “Dorme, meu filho!”

CRÔNICA – PÚBLICO

1º lugar - Brumadinho: Pompeia contemporânea

José Braz da Silveira

Passava de meio dia no Córrego do Feijão. Alguns trabalhadores ainda almoçavam e outros já curtiam a *siesta* espalhados pelo pátio. No refeitório, já tinham poucos, além da equipe da cozinha que se esmerava na lida diária do pós-almoço. No pátio, sim, os trabalhadores se espreguiçavam e conversavam entre si, enquanto se preparavam para o reinício dos trabalhos do turno vespertino.

Na pousada, o almoço mal havia começado e a alegria reinava absoluta. O fim de semana de lazer e curtição estava apenas começando para aqueles hóspedes. Nas casas dos agricultores e sitiantes, cada qual conduzia as suas atividades de rotina na mais absoluta normalidade. Um belo riacho de águas límpidas decorava a paisagem do lugar, paraíso natural que em breve seria arrasado e transformado em dor, lágrimas e sofrimento.

Lá no alto, uma frágil parede de barro socado cercava a imensidão gelatinosa dos rejeitos minerais acumulados há anos. Quanta irresponsabilidade. Uma minúscula buzina instalada no poste sem a mínima serventia. Era óbvio que não daria tempo para acioná-la, quanto mais para que o alarme pudesse prevenir ou ordenar a desocupação. Eis que a parede de barro se rompe e o dragão maldito despeja toda aquela massa caudalosa sobre os pobres indefesos.

Muita semelhança com o que ocorreu em Pompeia, no ano de 79 d.C. Quem diria que, depois de quase dois milênios, a tragédia fosse se repetir justamente no Brasil, um país teoricamente livre de terremotos e vulcões. Muitas vidas foram soterradas em Pompéia, assim como em Brumadinho. A diferença foi que lá a tragédia se deu por causas naturais, com a repentina e inesperada erupção do temido Vesúvio, e aqui a bomba relógio foi instalada e mantida em risco iminente pelas mãos do homem.

A erupção do Vesúvio durou dois dias, segundo relatos de uma única testemunha. Plínio, “o jovem”, presenciou toda a desgraça de uma distância segura. Ele se encontrava em Nápoles, do lado oposto de Pompeia, tendo deixado um relato histórico contando tudo o que havia acontecido.

No primeiro dia uma nuvem espessa de gás superaquecido cobriu a cidade e no segundo dia uma gigantesca coluna de cinzas vulcânicas se formou, seguida de uma torrencial chuva de pedras incandescentes que soterrou a cidade impiedosamente.

Diferente da lava quente do vulcão Vesúvio, a lama fria e espessa de Brumadinho desceu o Córrego do Feijão matando seres humanos indefesos, destruindo lares e dizimando vidas de todas as espécies. Em pouco tempo, depois de derrubar pontes, romper estradas, engolir ônibus, máquinas e caminhões e de rasgar florestas e plantações, ainda foi despejar, sem piedade, nas águas límpidas do Paraopeba, o grosso caldo assassino, agora envolto no sangue das suas vítimas, ampliando a tragédia enormemente.

O Brasil chorou e muito lamentou essa triste e inesquecível catástrofe. Os mineiros já sofreram demais e ainda irão chorar em silêncio por muitos anos. Vai demorar muito tempo para essa gente recuperar o ânimo.

E agora, a mina da vez é a de Barão de Cocais. Amanhã, certamente, será outra entre tantas nas mesmas condições. Enquanto isso, o Barão das minas, soberbo e indolente, manda avisar, mas pelo povo em pânico, nada de concreto faz.

Pelo relato de um sobrevivente que falou emocionado o que sentiu quando a lama lhe alcançou, envolvendo parte do seu corpo, tem-se a dimensão da dor sofrida por aqueles que infelizmente não tiveram a mesma sorte: “A lama me apertava e dificultava até a respiração”.

Restaram apenas as belas lições dos bombeiros, que trabalharam firmes e demonstraram verdadeiro amor pelas vítimas e seus familiares. Pelas mãos firmes daqueles homens, a menina em desespero voltou a sorrir quando foi salva. A incredulidade da moça que já não tinha mais força para segurar a corda que lhe foi estendida, transformou-se num suspiro de alívio quando foi alçada. Até a vaca mugiu de alegria quando voou içada pela grande cesta da cegonha de ferro.

Só nos resta bradar bem alto, a plenos pulmões: “Reaja, Brumadinho!”. Comece essa reação erguendo um majestoso monumento em homenagem às vítimas. Tão belo e imponente que se torne uma nova atração turística em Minas Gerais, que ao lado do Museu da Arte e Natureza do Instituto Inhotim, da Cachoeira das Ostras, da Serra da Moeda e dos Históricos Alambiques, transforme Brumadinho em um atrativo destino turístico. E uma nova era haverá de chegar, transformando essa terrível tragédia em riqueza e prosperidade.

2º lugar - Nepotismo - vício secular

André Luís Soares

Segundo o *Aurélio*, nepotismo é o favorecimento que o gestor público, no exercício da função, confere a parentes e amigos, facilitando-lhes a

ascensão social. Presente desde o descobrimento, essa prática é tão antiga que não seria exagero afirmar que tal *anomalia* se confunde com a própria história do Brasil.

Quando o país ainda era colônia, o nepotismo surgiu com as capitanias – primeira forma de divisão territorial, depois chamadas províncias e, mais tarde, estados. A denominação mudou: o nepotismo permaneceu. As capitanias foram criadas por D. João III, que nomeava parentes e amigos para gerirem tais faixas de terra. A escolha não se baseava em critério técnico. O rei buscava aliados da Coroa, pois um dos principais objetivos era deter invasores. A indicação real se fazia uma vez. Após isso, o poder de administrar passava, por herança, aos filhos do primeiro donatário. Daí a expressão: capitania hereditária. O donatário, na escolha de auxiliares, usava o mesmo método. As elites aprimoraram tal prática, fazendo surgir, assim, a tradição de fazer do País um cabide de empregos, no qual a competência é fator irrelevante. Por conseguinte, criou-se estado paralelo, cheio de vícios, no qual o interesse privado é colocado acima do interesse da Nação.

Hoje, o Brasil possui complexo sistema administrativo, dividido em esferas federal, estadual e municipal; com instâncias de poder executivo, legislativo e judiciário. No entanto, nem o uso de concursos freia o nepotismo. Para ocupar cargos considerados de confiança, chamam-se parentes e amigos – merecedores ou não. Independente da lei, a questão é cultural. Muitos ainda sonham ser encaixados numa *peixada* – alcunha dada ao emprego por indicação.

Isso se reflete na economia. Não por acaso o Brasil vem, há décadas, com problemas nas contas públicas. Não por acaso também que a corrupção se alastra. O nepotismo criou teia que se estende acima do Estado, preservando a estrutura de injustiça, contrária ao desenvolvimento. Afinal, quem usa de favorecimento, o faz por incompetência ou má-fé.

Há alguns dias, fui visitar um amigo em Brasília. Ao chegar, encontrei a maior festança. Concursado há dez anos para cargo de escriturário em autarquia pública, na qual jamais recebera promoção, ele agora, após se aproximar de políticos influentes, fora indicado para administrar uma das *cidades satélites* – o que, no resto do país, equivale a ser prefeito – sem precisar de eleição.

Fiquei espantado. O cara é gente boa. Hábil em fazer amizade. Mas sequer administrara um condomínio. Sem capacidade para gerir a própria vida, a esposa é quem cuida das contas do lar. Habilidade técnica? Parou de estudar no início do segundo grau. Nunca leu num livro. Desconhece lógica, matemática e estatística. Sei que não governará sozinho. Mas será dele a palavra final, após consultar a orientação dos auxiliares.

Bêbado, ele tecia sua teia de poder. Ao irmão mais velho, conhecido *peladeiro*, prometeu a Secretaria de Esportes. Ao colega de infância, que gostava de viajar, daria a Secretaria de Turismo. E assim distribuiu cargos a familiares e amigos, sem se preocupar com a responsabilidade que seria comandar cidade com meio milhão de cidadãos. Mas, se fosse competente, estaria ele ainda no mesmo cargo há mais de uma década? E que sucesso sua equipe poderá alcançar, se fora escolhida sem critérios de competência? Todos ali presentes tinham um único objetivo: *mamar nas tetas do Estado*.

Senti a língua coçar, querendo falar besteira. Mas não seria eu a estragar a festa com discurso moralista. Percebendo o risco em permanecer no local, saí antes que me fosse ofertado um cargo comissionado qualquer. Diante de tanta promessa de poder, salário alto e outras regalias... havia o risco de que eu também cedesse à tentação.

E pensar que o Brasil é assim, desde o tempo das *capitanias hereditárias*...

3º lugar - O antes, o agora e o depois

Evandro Valentim de Melo

Almoço tardio graças a uma reunião, que parecia não ter fim. A dita cuja continuaria depois do almoço. Intervalo de apenas uma horinha. Eu tinha de ser rápido. *Shopping*; *self service.* Que sorte! Pouca gente no restaurante que escolhi, graças aos muitos adoradores de sanduíches, que encompridavam as filas desse tipo de “comida”.

Enquanto eu me nutria para enfrentar o turno vespertino, observei clientes de duas mesas: à esquerda, mãe e dois filhos. Esses, deviam contar 8 e 6 anos. À mesa da direita, um adulto, provavelmente, o pai e um bebê, um ano, talvez.

A mãe incentivava os filhos que, frente a frente, disputavam para ver quem conseguiria, por meio de sopros, fazer a latinha chegar ao lado do oponente. Venceria o detentor do pulmão mais forte. Riam muito. Fácil criar brincadeiras no mundo infantil. Eu fazia igual, quando criança: pilhas, caixas de fósforo, palitos de picolé, vidros de esmalte vazios... Tudo virava brinquedo.

À minha direita, no colo paterno, o insatisfeito bebê. O pai não desgrudava os olhos do celular. A criança gritava, esperneava... Nada. Longos minutos se passaram, até que uma mulher chegou àquela mesa,

com um prato de comida. O pai, uma quase estátua continuava a olhar o celular.

A mãe organizava a logística para alimentar o filho: o marido com o filho ao colo e diante deles, o prato. Um segundo celular, o da mãe, com algo que atraiu o bebê, conseguiu acalmá-lo. Como que hipnotizado, do mesmo modo que o pai, a criança abria a boca, enquanto a mãe lhe levava colheradas de comida.

Diante de mim, ao mesmo tempo, comportamentos dos séculos XX e XXI. Do XX, objeto transformado em brincadeira. Desafio à imaginação de dois meninos. Do atual, XXI, celulares com seu incrível poder de sedução, para uma sociedade cada vez mais inebriada por imagens em movimento, vídeos e jogos eletrônicos.

Esforço-me para compreender. Não sou avesso às facilidades da internet, nem poderia. Só não me deixo escravizar. Quando reflito sobre os atuais comportamentos e futuros alternativos, me vem à lembrança um apocalíptico desenho animado; nele, os humanos se tornaram dependentes, em absoluto, da tecnologia; reféns voluntários de robôs, que controlam tudo. Espero que tal situação não se concretize.

Diferentemente da humanidade, para a qual ainda resta algum tempo para rever seus comportamentos, eu preciso retornar ao escritório. Levanto-me e caminho ziguezagueando entre as mesas da praça da alimentação. Há centenas de pessoas de olho nas telas de seus celulares. Preocupante...

A justiça nas vitrines

André Luís Soares

No Brasil, muito se discute sobre modernização do Poder Judiciário. Contudo, apesar da intensidade dos debates, pouco se avança. O que se vê é o surgimento de prédios cada vez mais suntuosos como sedes da Justiça – em todas as instâncias –, cujo luxo contrasta com a lentidão e a ineficácia dos processos.

É espantoso que os tribunais brasileiros se pareçam com *shoppings centers*. A modernização da Justiça deveria significar agilidade e transparência. A estrutura predial é detalhe. Desde a década de noventa, com o caso do TRT-paulista – cuja obra superfaturada gerou prisão de juiz e cassação de senador –, afirmo que os tribunais devem primar pela minimização do risco de comprometimento surgido na relação com empreiteiras, já na época da licitação que antecede a construção.

O que intimida os criminosos não é a pompa dos prédios; mas, sim, a eficácia do processo. E nisso a Justiça Brasileira tem deixado a desejar – seja por ineficácia ou corrupção. Muitos alegam que a estrutura predial simples compromete a segurança. Porém, bastaria concentrar essas sedes em espaços próximos a quartéis da Polícia Militar, delegacias ou quartéis das Forças Armadas.

Mesmo em municípios com menos de cem mil habitantes, vêm sendo construídos tribunais que se assemelham a *shopping centers*. Isso confere à Justiça *status* de negócio, de mercadoria de luxo acessível somente aos ricos. Infelizmente, há décadas isso se confirma na prática cotidiana. Contudo, sabe-se que não será com mármore, torre de vidro escuro, elevador panorâmico, tapete vermelho e chafariz que se fará justiça no Brasil. A estrutura física dos tribunais bem poderia se assemelhar a das escolas públicas, com prédios desprovidos de luxo. Assim, haveria verba para contratação de mais magistrados, funcionários de apoio e compra de novos equipamentos.

Entretanto, a questão do desperdício de dinheiro na estrutura dos prédios em que se instalam os tribunais pode ser revertida. Os atuais palácios podem ser vendidos e a verba utilizada na construção de sedes mais simples; utilizando-se o que sobrar para dar real impulso à modernização do Poder Judiciário.

Se o Brasil não estivesse mergulhado em corrupção; se o governo conseguisse fazer valer as leis; se não houvesse, ainda, fazendas de escravos; se não houvesse miséria; se os principais criminosos já estivessem na cadeia; se o crime organizado e o narcotráfico não tivessem se apossado de algumas capitais; se não mais houvesse *banda podre* na polícia; aí sim, seria compreensível que, como merecido louvor à eficácia alcançada, os tribunais se instalassem em palácios que bem representassem a força do Poder Judiciário.

Contudo, longe está de ser essa a realidade brasileira. Daí que, ao ver um tribunal palaciano, o que me vem à mente é o artigo 171 do Código Penal. Porque a justiça palaciana brasileira se assemelha a um charmoso malandro, fino e elegante, dotado de linguajar rebuscado, que se veste de terno e gravata, com relógio importado e sapato lustroso, para falsear imagem de homem de bem e, assim, aplicar calotes junto às pessoas de boa-fé.

No Brasil, os tribunais palacianos constituem uma fraude – um *golpe do vigário* –, posto que servem apenas para fazer parecer o que não são; por meio de uma máscara, que lhes empresta a imagem de um sucesso jamais alcançado. Em suma: nossos tribunais se travestem para iludir.

Porém, que fique claro: o Brasil não precisa de tribunais luxuosos: precisa apenas que sejam eficazes. O Brasil não precisa de tribunais ricos: precisa somente que sejam justos. Na contramão da ideia que norteia os *shoppings centers*, o Brasil não quer Justiça a qualquer preço: quer justiça, acima de tudo!

Labor desumano, ou melhor, descavalo

Arlindo Tadeu Hagen

Ele empacou a duas quadras da minha casa, numa manhã de sol escaldante de um domingo de dezembro. Seu corpo extenuado não aguentou o último esforço exigido: subir uma rampa com uma carga excessiva de blocos de concreto e sacos de areia.

Foi assim que conheci Branco, um cavalo de carga de carroça que, após arriar literalmente sobre as quatro patas, gerou um tumulto na calma do meu bairro numa manhã domingueira. Para tentar reerguê-lo, o carroceiro usou de suas armas, ou melhor de sua arma – um chicote – e começou a surrar o cavalo que, mesmo sob as fortes chicotadas, se recusava a levantar-se.

Como de costume, nestes momentos, surgiu gente de todo lado, uns a favor do cavalo, horrorizados pelas pancadas. Outros a favor do carroceiro, um homem simples, lutador, sem estudo, que só tinha aquele modo de ganhar a vida honestamente. Mas no calor dos debates que eu acompanhava tentando defender o cavalo, encharcado de suor, morto de sede, olhos assustados, vi surgir uma viatura de polícia, alertada por algum vizinho.

Palavras rudes foram gritadas e, de repente, os policiais perderam a paciência e resolveram prender o carroceiro por desacato à autoridade e crueldade contra os animais.

Após o desfecho, pouco a pouco, todos se foram e fiquei observando a cena final do episódio: um policial, ajudado por alguns transeuntes, retiraram o animal da carroça. Uma vizinha trouxe um balde com água que o cavalo bebeu ainda deitado, sem forças para se levantar. Foi quando me aproximei do policial e perguntei o que seria feito daquele animal. O guarda me respondeu secamente: - Será levado para o abrigo da Prefeitura Municipal. Se em três dias, ninguém procurar por ele, será sacrificado. – Mas – retruquei – o carroceiro vai buscá-lo e começar de novo os maus tratos. – Duvido muito – disse o guarda – é um animal velho, em final de carreira e o carroceiro não vai desembolsar um salário-mínimo para retirá-lo do abrigo.

Momentos depois, aproximou-se um pequeno caminhão com uma parte fechada na traseira. Dois funcionários uniformizados desceram e, com grande destreza, aparentando experiência no ofício, arriaram uma rampa do caminhão e conseguiram fazer o cavalo, semimorto momentos antes, entrar na carroceria do caminhão que, logo depois, se afastou do local já quase deserto.

Não consegui deixar de pensar naquele animal e, três dias depois, me dirigi ao abrigo da Prefeitura com um cheque no valor do salário-mínimo da época.

Hoje, enquanto releio as anotações para esta crônica, sob a sombra de um jacarandá, no meu sítio, sinto seu focinho roçar no meu ombro. Viro-me para ele, faço um carinho em sua cabeça, acaricio sua crina e fito seus olhos que parecem me agradecer pela merecida aposentadoria. Em seguida, corre solto pelo pequeno pasto, inteiramente à sua disposição, desfrutando da liberdade com que foi criado por Deus e que homem algum tem direito de roubar.

Neste inverno

Natália de Jesus Patrício do Vale Garcia

Neste inverno, que se prevê rigoroso, não se vê nenhuma atitude das entidades responsáveis para que os, mil e um, sem-abrigo por esse mundo fora sejam auxiliados e que seja minimizado o seu sofrimento, isolamento e exclusão social a que estão votados.

Há alguns dias atrás, na cidade classificada, hoje, como o melhor destino turístico e a mais bela do mundo, tive oportunidade de presenciar uma das mais lamentáveis cenas, relativamente a alguns daqueles olhados como os maiores marginais ao cimo da terra

Ninguém se perguntou por que razão eles estariam ali. Ninguém se disponibilizou para lhes oferecer um simples agasalho para minimizar o frio rigoroso que se faz sentir ou apenas uma pequena proteção para a chuva que, nalguns dias, cai copiosamente.

Seguranças, treinados para a exterminação desse espécime, pontapeavam alguns (já velhos), jogados ao abandono por famílias egoístas e hipócritas, afastando-os da rua como se de cães sarnentos e raivosos se tratassem.

Neste inverno, não haverá aquecimento para todos. Só os privilegiados, que olham desdenhosamente para esses desgraçados, o terão.

Neste inverno, verifico que a injustiça humana é cada vez maior.

Neste inverno, a neve cobrirá as ruas, os farrapos velhos que os cobrem, e muito perecerão.

Neste inverno, não haverá natal para eles. Apenas dor, mágoa, tristeza e, para muitos, lágrimas que se misturarão com a neve que, aos poucos, se derreterá e os encharcará até ao mais íntimo do seu ser.

Neste inverno não vejo fraternidade nem solidariedade.

Acho que está na altura de as mentalidades mudarem e pensarem que, quando nascemos, somos todos iguais. Os direitos e as oportunidades devem ser dados da mesma forma e, embora alguns não a saibam aproveitar, poderão ser direcionados e ajudados nesse sentido.

Aulas de voo

Natalino da Silva de Oliveira

Hoje, ao chegar ao trabalho me deparei com um determinado besouro que se debatia contra a janela de vidro. O pobre inseto se arremessava contra aquele obstáculo quase invisível e se lastimava e se feria em uma luta que parecia impossível de ser vencida. Ele se encontrava preso. Apesar dos esforços de suas poderosas asas, de seu robusto corpo de dureza inexplicável, ele não conseguia a tão sonhada liberdade. A cada pancada, eu achava que aquele infeliz inseto iria desistir. Contudo, para minha surpresa, todas as vezes em que se arremessava em um impulso kamikaze, mais ele se jogava com força.

O dia seguiu seu curso e abandonei a observação daquela existência miserável que insistia em ser livre. Segui minha suave rotina, corrigi as provas, atendi alunos, ministrei disciplinas, entrei em minha sala e respondi a dezenas de e-mails. Por fim, saí para o almoço e controlei meu consumo de carboidratos, tomei um suco sem açúcar, café sem açúcar e retornei ao trabalho. A tarde segui mais ou menos os mesmos empenhos da manhã. Com exceção de uma reunião. Acredito que as reuniões tenham sido inventadas por uma forma inferior de divindade, um tipo menor de demônio. Porém, até que essa foi boa. Conseguimos resolver algumas coisas e não foi utilizado o sonífero apresentador de slides. Lá fora, eu observava o sol escaldante pelo vidro da minha sala.

Afinal, o que ocorria lá fora? Quais seria a vida que existiria do lado de fora? Quais os caminhos que me levaram a esquecer a poesia da vida? Onde estarão os ipês floridos de minha singela juventude? Já estava inebriado com lembranças de anos anteriores. Ainda nostálgico, ouvi o barulho que se intensificava e parecia que alguém batia minha porta. Abri a porta e não encontrei ninguém. Retornei para minha tela de computador tentando escolher se continuava tentando parir um projeto ou se partiria para

a correção de infinitos projetos que tinham chegado em minha caixa de mensagens. Quando dei por mim, novamente o barulho a me incomodar como se estivessem novamente batendo em minha porta. Resolvi abrir, aguardei alguns instantes e quando me dei por mim, descobri que era o pobre besouro que se arremessava com a violência costumeira contra minha porta.

Aquele fato, aparentemente alheio a tudo o que havia vivido, se apresentava como uma luz de vaga-lume que brilha e não ofusca, que brilha lindamente e não ofusca outras luzes. Percebi que deveria me preocupar mais com aquele pequeno celeóptero. Levei o pobre besouro para o mundo aberto de uma janela aberta. Foi um dos voos mais bonitos que vislumbrei na vida. Foi um dos dias mais lindos de minha vida.

POESIA – ENSINO FUNDAMENTAL I

1º lugar - Onde moro

Kauã Gabriel Duarte Chaves
Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

Piacatuba me orgulha
São estradas de chão
De fé e bom coração.

Piacatuba terra de gente bonita,
Terra de gente de bom coração
Muito carinho e devoção

Festa é o que não falta
Gastronomia e exposição
A gente faz com dedicação

Muitos eventos e festança
E todo mundo se encanta
Com essa terra santa.

2º lugar - Na roça

Maicon Trindade Costa
Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

Na roça eu ando a cavalo
Tem espaço pra brincar
Se eu ficar entediado

Tem açude pra pescar.

Na hora do almoço
A comida é natural
Galinha Caipira e tal
E quando chega o café
Uma pratada de mingau

E depois do almoço
Vejo televisão
Quando minha prima chega
A gente brinca de montão

A gente joga bola
Pula corda e até rola no chão
E quando dá a hora de ir embora
Fico triste de montão

3º lugar - Amanheceu

Yasmin Kételyn Gonçalves Domingos
Escola Estadual Augusto dos Anjos

Amanheceu, peguei o caderno
Botei na mochila e fui estudar.

Amanheceu, peguei a esperança
botei na mochila e fui sonhar.

Sou estudante e tudo nesse mundo

Vale para que eu estude e possa aprender.

A minha mente organiza o conhecimento.

E meus amigos de verdade gostam de me ver sonhar e meu sonho realizar.

Piacatuba

Ana Júlia Rezende Rodrigues

Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

Sou criança, sou feliz.

Moro num distrito chamado Piacatuba.

Pequena e serena

Importante e interessante

Aconchegante e elegante

Criativa na cultura

Acolhedora com os visitantes

Turística e atrativa

Única em Gastronomia

Bela e organizada

Apreciada e civilizada.

Slime em um poema?!

Anna Julia Ribeiro Colli

Instituto Metodista Arca de Noé – IMAN

Com cola e espuma vira uma geleca

Com mais água uma amoeba.

Com corante azul fica blue

Com corante amarelo yellow.

Água boricada e bicarbonato
Mexe tudo e dá um estrago!

Mas no final vai valer a pena
Sua slime virar um poema!

Como:

Maria Eduarda Guilherme Flores
Instituto Metodista Arca de Noé – IMAN

Um tronco de árvore quebrado
Como coração partido
Uma flor caída no chão
Como uma decepção.

Uma floresta queimada
Como uma pessoa sendo morta
Uma flor de jasmim
Como uma pessoa no jardim.

A escola

Miguel de Castro do Carmo
Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

Comecei estudar, bem pequenininho
Desde cedo aprendi a lição
Lendo meu livrinho

Com muita dedicação.

Na escola eu aprendi
O bê-a-bá e a respeitar
Desde cedo eu entendo
Que se deve dedicar.

Adoro meus colegas
Amo minha professora
O convívio com os colegas
E a dedicação da professora

Hoje estou mais crescido
Já entendo as coisas bem melhor
Que com o estudo merecido
A gente se torna melhor

Criança feliz

Pietro Azevedo dos Santos
Colégio Imaculada Conceição

Criança feliz
Vive a sorrir
Brinca no chafariz
Molha a ponta do nariz

Eu adoro falar,
Eu vou cantar.
Eu vou dançar,
Eu vou voar.

Eu escrevi esse poema,

Para todos alegrar,

Sou uma criança feliz.

E gosto muito de rimar.

POESIA – ENSINO FUNDAMENTAL II

1º lugar - Humana

Ana Laura Vargas Fajardo
Colégio Imaculada Conceição

Uma dor repentina
Que predomina
Todo meu ser.

Tristeza de repente
Um momento inconveniente
Faz a lágrima descer.

Prender a respiração
Enganar meu coração
Fingir um sorriso.

Dizer que está tudo bem
Abraçar alguém
Fingir que estou no paraíso.

Tristeza e felicidade
Mentiras e verdades
Que me fazem chorar.

Eu sou feita de medo
Que vem logo cedo
Me atormentar.

2º lugar - Lar

Helena Shizuê Kitamura Carvalho
Colégio Imaculada Conceição

Todos de algum jeito
Sonham em ter um lar
Mesmo que imperfeito
Mas como explicar
Tantos sem esse direito?

Aquele lar-coração
Construído junto ao peito
Que dentro têm a emoção
E muitos outros sentimentos
Deveria ser obrigação!

Deveria ser garantia
Ter sempre um bom lugar
No qual ninguém esquecia
Que para nele habitar
Seria necessária harmonia

Nem sempre percebem
Essas tristes pessoas
Que mesmo que façam o bem
Mesmo que sejam boas
Esse direito não tem

Um lar também é compreensão
É amor que sana

É alguém que te dá a mão
É morada humana
Sempre em construção

Não é difícil crer
Lar é mãe que dá colo
E ensina conviver
É pai que dá solo
Auxilia o viver

Vocês podem perceber
Que para você, ele, eu
Para quem no mundo viver
Até para o que ainda não nasceu
Um lar garantido deve ter

Por que um irmão
Dorme no frio, na rua
Com fome e solidão?
Sei que a culpa não é sua
Mas quero uma solução
Para que os sem lares
Encontrem seus lugares
Nesse imenso mundão

3º lugar - Autêntica felicidade

Larissa Locha Zangirolani
Colégio Imaculada Conceição

Um encontro.

Com amigos, com colegas,
Com a vida.
Da terra, as cinzas, o pó.
Sentindo esse mundo,
Dentro de outro mundo
Que quase sempre parece não ser.
Minhas pontes que me levam
Para lugar nenhum
Estão sempre em constante (Re)construção.
Linhas tortas indefinidas
Me guiando ao caminho
Da solidão.
Desfaço os laços,
Refaço os traços.
Vivo num mundo onde meu ser transborda amor.
Gênero de primeira necessidade,
Todos os sentimentos
Dentro de um só.
Confirmação de que é preciso mudar.
Insistir, persistir.
Eterno dom
De dar cor e poesia
A esse universo chamado
“existir”.

3º lugar - Um pouco de você

Sarah Rosa Alves Inácio
Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho

Um perfume

Um trago
Um abraço
Tudo o que eu queria
Era estar ao seu lado

Um toque
Um choro
Uma dança
Queria deitar-me contigo
E como o seu corpo balançar

Um tom
Um som
Uma melodia
Quero me apaixonar dia e noite
Quero ficar contigo noite e dia

3º lugar - Aprendizados da vida

Mariah Barbosa Netto
Instituto de Educação Metodista John Wesley

Na vida
Aprendemos muitas coisas
Não há dinheiro, se não houver trabalho
Não há vitória, se não houver luta
Não há dias, se não houver noite
Não há vida, se não houver morte.

Na vida
Aprendemos a lidar

Com a tristeza de não ter riqueza
Aprendemos a lidar com a dor
Com a dor de não ter um amor
Com a solidão de não ter um irmão.

Na vida
Temos sonhos, desejos
Medos, qualidades e fraquezas
Mas nada nos impede de vencer.

Na vida temos que lutar
Para um dia ganhar.

Brasil

Gabriel Moreira Pinto
Colégio Imaculada Conceição

Navegando em alto mar,
Já vi uma terra que tinha futuro
Percebi só de olhar
Chegando mais perto
Vi algo que seria descoberto.

Vi um estampado de árvores
Onde com certeza havia lares
Vi homens pardos
Que pareciam que tinham uns corações de guepardos
E os homens de Portugal
Começaram a saquear
Pegaram nossas especiarias sem perguntar.

Começaram a escravizar
Sem se quer dar um salário para recompensar
Tiraram nosso ouro
Criaram sapatos com o nosso couro
Pegaram nosso café
Com o intuito de má fé.

Começaram criando Salvador
A cidade do cultivador
Com plantações de açúcar
Era tanto açúcar que depois de um tempo,
Criaram o Pão de açúcar
A escravidão teve liberdade
Muitos não achavam que era verdade

Criaram o Rio de Janeiro,
Cidade do pioneiro,
Onde o comércio atraia o estrangeiro
Onde escravos tinham que fugir
Somente para sua vida seguir
Nos quilombos viviam os lutadores
Nossos principais colonizadores.

Depois de um tempo,
Criaram Brasília,
A capital cheia de alegria
Se modernizou, mas
A maldade não acabou
Talvez um pouco de esperança nos restou

Acordou um revolucionário
Juscelino Kubitschek, o extraordinário,
Tentou fazer do Brasil um lugar melhor
Fez 50 anos em 5 com seu próprio suor
Fazendo o povo acreditar num bem maior
Fez o nosso país sair da pior.

O triste é que todo esse feito teve pouco efeito
E outros chamavam seus atos de defeito
E o verdadeiro defeito é o que vivemos hoje
A corrupção abundante
E o pessoal do governo totalmente ignorante
Roubando da população de forma exorbitante.

Para finalizar, expressarei o meu desejo
Gostaria de ver no Brasil uma verdadeira igualdade
Onde ninguém passasse por nenhuma dificuldade
Onde dinheiro se transformasse em humildade
Onde todos bebessem a porção da bondade
E que todos os sonhos se transformassem em realidade!

Perseverança

Thayná da Silva Brito
Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho

Jogo minha rede no mar da vida.
Ela vai, recolho e volta vazia.
Entristeço, mas não desisto.
As lágrimas correm, mas me renovam.

O coração machuco, arrumo.
Passo a limpo os meus sonhos.
A rede eu recolho, ajeito.
Sigo, mas ainda doe o peito.

Sou corajoso, não vou acostumar,
Com essa dor no peito.
Se não fosse para ser feliz,
Os detalhes, Deus não teria feito.

Esperança eu tenho!
As águas renovam, avançam!
Hoje não foi bom, sigo!
Não desisto do mar da vida, Perseverança!

Olhos fechados, porém atentos

Helena Netto de Almeida
Colégio Imaculada Conceição

Ao anoitecer, começou o romance,
Tinha cavalos, donzelas e reinos encantados
E logo ao fundo um castelo inesperado.

As princesas eram bonitas, muitas vezes enganadas
Príncipes faziam delas pessoas furtadas
Não era conto de fadas, era algo muito divergente
Que assustam de uma forma diferente
Para muitos era uma nova tragédia
Mas, para os malignos, era o início de uma nova comédia.

Reis com espadas na mão,
Mas muitos queriam atirar em seu coração
Para a sua fortuna retirar
E a sua coroa roubar.

As princesas eram muitas vezes enfraquecidas
Porque nas mãos de seus companheiros tinham sua vida quase perdida
Elas sonhavam com o brilho do sol em seu rosto
Mas, na verdade, escorriam lágrimas de grande desgosto
Liberdade era inexistente
Porque as muralhas eram persistentes

O romance terminou ao amanhecer,
No despertar dos olhos,
No entanto mesmo sem princesas, príncipes e reis,
Ele insistiu em permanecer.

Conceição

Rebeca Assunção Arruda
Escola Estadual Presidente Carlos Luz

Terra de Conceição,
Eita lugar “bão”!
Onde as pessoas andam de pé no chão,
E não tem poluição.

Seu cartão postal
Traz admiração em todo pessoal.
Que passa por esse lugar

Querem logo tudo fotografar.

Lugar de tradição
Onde todos têm devoção
Seja no Pedro ou no João
O que importa é ter Deus no coração.

As faces da vida

Sarah Aparecida de Oliveira Chaves
Escola Estadual Dr. Pompílio Guimarães

O que está acontecendo?
Planejamentos e sonhos morrendo!
Por um ato espantoso!
Que está derrotando um sonhador.
Uma ação preocupante.
Que não vai levar nada adiante!

Até onde vai a nossa educação?
Adolescentes, adultos e solidão.
O que será do nosso futuro?
Conhecimentos presos em muro.
Não queremos isso para nossa Pátria!

Essa ação é de me preocupar!
Mas sempre irei lutar.
Por todos os sonhos que vieram a mim.
Mas fico pensando...
Por que o ser humano assim?

O que há na mente desse Vilão?

Que pensa que tem nossa casa na mão!

Mas estamos dizendo: Não e Não...

Tire os dedos da minha educação!

POESIA – ENSINO MÉDIO

1º lugar - Borboletas

Bruna Beatriz Gomes Alves Martins
Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho

Eu pulei no abismo e
pela primeira vez me senti em casa.
Fui no fundo do poço e voltei, vi de perto
o que há dentro de mim:
Surtei.

Não existem borboletas no estômago
Quando se tem claustrofobia.
Não existe escuridão para quem
Precisa da fotossíntese.

Raio de girassol,
Vira pra cá, ilumina meu dia.
No verso anterior eu tinha ideias
Agora nem sei por que as escrevia (?)

Escrevo porque penso.
Penso porque sou.
Escrevo o que penso que sou...
[sou escuridão, sou vazio]

Dentro de mim.
Borboletas não vivem mais.

2º lugar - Símbolo da esperança

Rodolpho Luiz Santos Mattozinhos
Escola Estadual Professor Botelho Reis

Andaste por caminhos escuros!
Enfrentaste as trevas e a escuridão!
Quais seriam teus motivos?
Qual seria tua razão?

Tua razão seria, talvez,
Buscar um novo caminho
Mas para um mundo que anda na contramão
Seria possível fazer isso sozinho?

Caminho perdido de um temível passado?
Aqui está ele para mudar essa história
Mesmo que para isso sofras calado.

Continuas vagando pelas trevas, porém com segurança
Por estar livrando os outros dela
Como o verdadeiro símbolo da esperança!

3º lugar - Amor próprio é resistência

Luciana de Paula Souza
Escola Estadual Professor Botelho Reis

Traços de versos perdidos
Em meio ao sangue derramado
Balas perdidas, pessoas feridas
Crianças mortas

Mulheres humilhadas e executadas
Negros excluídos
Pobres afastados
Sociedade com medo

Ninguém mais sai de casa
Meninas novas são estupradas e culpadas
A violência machista infestando homens
Crianças traumatizadas vendo mães sendo violentadas
Presenciando o crime sujo

Casais gays não andam de mãos dadas
A cota de suicídio e depressão aumenta
Não se pode expressar mais
Você ai, se tem gostos diferentes
Pagará um preço alto e injusto
Por pessoas frias e infelizes

Eles querem posse de arma
Justificam a busca de segurança
Através de um ato de atrocidade
O bullying ainda passeia pelas escolas
O racismo circula nas ruas
A homofobia mata almas apaixonadas
O machismo abraça homens ocultos
Todos sofrem, ninguém sai impune

Das garotas, pobres garotas,
Pisadas e massacradas por relacionamentos abusivos

Aquela criança que sofreu a infância
Presenciou violência em casa
Sofreu bullying, foi violentada

Em si, há culpa
E aos poucos enterram a própria alma
Alunos nas escolas são mortos a tiros
Protestos são proibidos
Famílias destruídas pela desigualdade

A luta é para o respeito à expressão de opiniões
Se você pensa diferente e faz escolhas contrárias
A sociedade é programada a te canalizar e banalizar sua existência
O padrão imposto é seguido e enaltecido
Hipócritas!

Padrões trazem infelicidade
Ninguém mais sai de casa
Ninguém mais fica em casa
Sua segurança foi tirada
Seus bens não são mais os mesmos

Pessoas ainda passam fome
Mulheres ainda consideradas o sexo frágil
O tempo de hoje só muda os números

Ter filhos antes do casamento?!
Considerado um crime
Ter filhos e ser solteira?!
Não se encaixa nos padrões

Para ter um emprego, é excluída
Faz parte dos LGBT'S, ou é negro?!
Então é incapaz de ter um ofício igual a um hetero branco...
Tabus que precisam ser quebrados!

Há lutas contra a desigualdade de gênero
Gente que nasce, é feita de carne
Tem suas crenças, sangra, chora e ri...
Gente que grita, acredita, ajuda e persiste
Se apoia nas causas e na busca
Do amor próprio perdido no meio do caos
Amor próprio é resistência!

3º lugar - Contrato

Maria Cláudia Costa Réche Iennaco
Colégio Equipe Leopoldina

Não tenho inspiração
Para esta poesia
Um anjo me tomou
E me deixou a melancolia

Este anjo não caiu
Ele não veio do céu
Este anjo, ele subiu
Para me atormentar

Não acho a razão
Para tanto sofrimento

Só queria achar
A cura para o tormento

Acho que fui possuído
Depois de ter assinado
O contrato que me deixou
Cabisbaixo e subordinado

E este tal contrato
Não foi com um ser qualquer
Foi com o ser do substrato
Que tomou minha alma

E, por ser um poeta
Em troca de minha alma
Ele me deixou apenas
Com dor que não se acalma.

3º lugar - Não deixe para depois o hoje

Natielly Francisco Silva
Escola Estadual Professor Botelho Reis

Amanhã poderá ser tarde para amar,
para perdoar, para pedir desculpas,
para sonhar e para realizar.

Amanhã, o seu amor poderá ser inútil,
o seu perdão poderá já não ser preciso,
o seu sonho poderá não se realizar,
o seu caminho poderá não ser mais necessário.

Não deixe o seu sorriso, o seu abraço,
o seu trabalho e seu sonho para depois.

Procure, vá atrás, insista, lute,
tente mais uma vez.
O hoje é definitivo, o amanhã poderá ser tarde,
muito tarde...

Amor ao tempo

Bruna Beatriz Gomes Alves Martins
Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho

Eu te amei
Como se ama o mar num dia quente
De verão.
Te amei
Como se você fosse minha primeira brincadeira
De criança
Meu pôr do sol
Minha esperança
Amei alguém
Que me descuidou e me deixou
Sozinha ao vento
Amei alguém
Que me esqueceu em tão pouco tempo
Como posso ter te amado,
Se deixei de me amar
Faz tempo
E não me importo mais

Com o tempo
O tempo só me faz mais
Pensar?

O agora já está passando

Kailainy Ferreira Lomba
Escola Estadual Sebastião Medeiros

Escrevo estas palavras
E pra depois não deixo não
Pois o futuro é um talvez
E disso temos que ter noção.

Abrace seu pai hoje
Com amor e alegria
Amanhã o que pode ter
É apenas a poltrona vazia.

Fala para sua amiga
Que a amizade dela é importante
Talvez tudo que ela precise ouvir
É isso naquele instante.

Agora neste momento
Coloque na sua mente
O futuro só vai ser bom
Se você viver o presente.

Preso à monotonia

Kailainy Ferreira Lomba
Escola Estadual Sebastião Medeiros

Acordo e já me levanto
Tomo café e tomo banho
Visto minha roupa e penteio meu cabelo
E assim vou ao “animado” emprego

Falo “bom dia”
Sem olhar para o patrão
E recebo outro igual
Apenas por educação

Chego ao meu cubículo
Acendo a luz e ligo o computador
E ainda finjo para os colegas
Que trabalho com amor

Ao fim da tarde, às oito da noite
Volto para casa no meu velho carro
Abro a porta e, no tapete,
Deixo meu “incrível” sapato

Tomo meu banho e relaxo
Agora penso no jantar
Miojo com salsicha
Ou para a pizzaria ligar?

Depois de muito pensar

Enfim chego à decisão
Vai ser pizza de calabresa
Perfeito pra saúde, ou não...

Com meu único conforto
Aquele pijama listrado
Depois de comer, me deito
E me sinto angustiado

Ao deitar, pesa minha mente,
Tento fugir da monotonia
Mas todo dia, ao tentar fugir,
Ela se mostra presente em minha vida.

Mais uma vez Minas chora

Raissa Lomba Delfim Pimentel
Escola Estadual Sebastião Medeiros

Mariana
Mar em lama
Marias, Anas
Levadas pelo rejeito de minério
Ria, risos, rios
Lágrimas no coração de quem ama
Em meio aos rejeitos
Levados pela lama
Lama que o homem fez
Acabou-se Mariana
Minas chora
Por Mariana

Por Brumadinho
Mais uma vez Minas chora
Lama de barragem rompida
Arrasta planos, projetos, futuro, memória
Fruto da ganância, da cobiça
Muitas famílias destruídas
Mais uma vez Minas chora
Chora por Barão de Cocais
Chora pela iminente ruptura
Causada pelo deslocamento do talude
Mais uma vez Minas chora

Procuro um mundo novo

Rodolpho Luiz Santos Mattozinhos
Escola Estadual Professor Botelho Reis

Procuro um mundo novo
Não tenho muitas exigências
Só o básico na verdade
Amor, respeito e consciência.

Não estou à procura do mundo dos sonhos
Queria somente um mundo um pouco mais legal
Onde qualquer ser vivo
Fosse tratado como “especial”.

Um mundo com mais atitude
Pessoas com mais esperanças
Misturando com força de vontade
Poderia, sim, haver a mudança.

O meu objetivo com esse mundo
É buscar a prosperidade
As coisas que disse acima
Fazer com que virem realidade.

Quem souber onde encontrar esse mundo
Favor me avisar
Favor avisar a todos
Para que possamos esse mundo buscar.

POESIA – ENSINO SUPERIOR

1º lugar - Poema da desconstrução

Emanoel Santos Fernandes
Universidade de Sorocaba

1

Quem aqui nunca viu
no fim daquela rua
um campo meia-lua
num terreno baldio?

Lá brincavam de bola
todas aquelas crianças,
filhas das vizinhanças,
ao saírem da escola...

e o dourado sol vinha
de ouro forrar o chão
e o sorrir da vizinha.

Ah, aquele tempo lindo
que cabia na mão
tristemente era findo.

2

Ainda hoje ouço as risadas
daquelas tagarelas
pintando em aquarelas

a bela vida amada,

mas tudo foi perdido
no prédio que ali ergueram,
justo ali me fizeram
ser um homem ferido.

Não mais vejo os vizinhos
ou o sol pousar na rua
em que vivo sozinho.

Ah, meu amigo engenheiro,
que espantou a luz da lua,
se olhasse aqui primeiro...?

3

Mas jogou a construção,
sem métrica, sem rimas,
e tudo virou cinzas
ao ver do coração.

Dois anos se passaram,
após inaugurado,
e lá do alto um coitado
se jogou, me falaram...

Longe daquelas crianças
não vejo mais alguém
cultivando esperanças,

nada mais vale a pena...
e bem triste também
me joguei deste poema

2º lugar- Tempos de dor

Robinson Silva Alves
Universidade Estadual de Santa Cruz

Tiros de fuzil
Executam um estudante
Nada será igual
Nunca como antes

Vozes silenciadas
Por tempos de loucura
Vozes amordaçadas
Nos grilhões da tortura

Um grito de dor
Ecoará eternamente
De angustiantes ais
Mães perderam seus filhos
Filhos perderam seus pais

Exterminado pelo regime
Por ordens ditatoriais

A censura
Silenciando a verdade

Reina a morte
Impera a maldade

Impérios do medo
Da pura crueldade
Senhores da guerra
Mestres da perversidade
Tentaram calar
A sonhada liberdade

Mataram inocentes
Exterminaram a paz
Por isso,
Grito bem alto

Ditadura nunca
Nunca.
Nunca.
Nunca.
Nunca mais.

3º lugar - Mulher

Elisa Shizuê Kitamura
Universidade Federal de Juiz de Fora

Nasci de uma costela
Ou sou fruto da evolução
Muitos mil anos se foram
Mas persiste a contradição
Que vivo toda a existência

Desde a minha concepção!

Cresci sendo a donzela
Esperando um salvador
Alguém mais bravo e forte
Que me traria o amor
Que poderia preencher
Meu grande “vazio” interior!

Percebi que esse alguém
Ser eu mesma poderia
Que quanto mais me amava
Mais valor reconhecia
E que tudo que precisava
Eu mesma buscaria!

Renasci tantas vezes
Todas que um dia morri
Quando me julgaram inerte
Juntando pedaços cresci
Ao tentarem me acorrentar
De repente me descobri!

3º lugar - Mar de letras

Altair Soares Xavier
Doctum - Leopoldina/MG

Textos!
Textos!
Textos!

Mar de letras, textos.
Colóquios, até prolixos, textos.
Ditadores!
Matam e fazem viver.
Lamúrias, paixonites infinitas, textos.

Expressões de amor e ódio, eterna congruência!
Frases, estripadoras de almas!
Palavras de alento e destruição.

Palavras.
Profundas, palavras.
Duras, palavras.
Complexas, porém simples, palavras!
Redundância!

Ah, se não fossem as palavras!
Como viveria?
Como exprimiria emoções?
Como, com a voz trêmula, suor jorrando,
Leria meus sentimentos transcritos, minhas declarações de amor?

Mar de letras.
Textos.
Palavras.

Palavra.
Expressão máxima daquilo que os lábios não projetam.
Doces palavras, frias letras, extensos textos, papéis...

Afogam o leitor!

Ah, se não fossem as letras!

O que seria de nós?

3º lugar - Universos infindos em letras, e em inquebrantáveis borboletas de vidro

Marcelo Gomes Jorge Feres

UNICESUMAR

Se o universo é nele mesmo,

Sem qualquer tempo e em todo espaço,

Há que se aceitar ser o relativo em que vivemos,

Pequeno e insuficiente para arquitetar do imponderável!

A poesia tenta desesperadamente alcançar a ataraxia do exato momento,

Planando às alturas em êxtase profundo e sem compromissos e ventos,

E desenha poemas e clama ao mundo as suas verdades derradeiras,

Mas como ir além de todo ser que apenas imagina o que sente?

Fecho meus olhos e pondero –

Sonhos de borboletas podem estancar.

Mas as borboletas voam e, então, eis finalmente -

Que todos os martírios não mais poderão machucar-me nessa vida,

Que se arrasta ainda, mas que, livre agora, já ganha belas asas, e voa lá fora.

E o que vejo refletidas, no vidro da fechada janela de vidro, neste meu exato momento presente, são inquebrantáveis borboletas eternas que, embora existam apenas em meus reflexos aqui dentro, já sonham e já voam livres agora.

Mas ah! Borboletas de vidro são quebradiças!
E minhas veias tão finas!

Borboletas de vidro refletem luzes multicoloridas!
E a esmo dedilham meus dedos!

Borboletas de vidro enfeitam a vida!
Em minhas imaginações traídas!

Borboletas de vidro não mais sangrarão agora!
Elas e eu seremos um ainda!

Borboletas de vidro partem refletidas na janela!
São meus olhos que brilham apenas!

Borboletas de vidro dançando aos ventos!
Deixo finalmente partirem minhas letras!

3º lugar - Versos da liberdade

Robinson Silva Alves
Universidade Estadual de Santa Cruz

Nos tempos de silêncio
Em tempos de maldade
Poemas nascem
Combatem a crueldade

Lágrimas derramadas
Nas dores da cidade

Desafiam sem temer
Os mais vis covardes

O sangue palavra
De repente invade
Sangue de um povo
Em dias de tempestade

Cálices do medo
Rubra saudade
Ida sem volta
Busca da verdade

Desafiando a morte
Com a pena coragem
Salvando vidas
Na praça à tarde

Mundos sem fim
Infinitas possibilidades
Combate os poderosos
Toda a perversidade

Trazem a esperança
Sonhos de felicidades
Sentimentos traduzem
A grande novidade

Letras valentes
Mostram a realidade

Destroem máscaras
Toda a artificialidade

Versos de um sonhador
Traduzem a mensagem
Versos livres
Versos de Liberdade.

3º lugar - Conversa a três

Sedinei Sales Rocha
UFPR

Hei... Rio!
Dá-me um gole d'água!
Faça um favor... Umedeça minhas plantas!
Deixa-me apanhar alguns de seus peixes?
Importa-se em lavar o meu corpo?
E de carregar o meu barco, suave e serenamente?

Ora... Homem!
Beba-me, enquanto puro!
Posso compartilhar a água, se ainda tenho!
Meus peixes? Sobrevivem alguns, sirva-se!
Lavo seu corpo, se mais sujo que'u!
Navegue em meu dorso, desviarei bancos d'areia.

Escutem-me, os dois!
Eu os criei para se ajudarem,
Irradiar vida... Se amarem.

Você, Rio!
Devagar e sempre, cumpre a sua parte.
Oferece por inteiro e nada pede em troca.
Põe em vida o risco do homem.

Você, Homem!
Devagar e sempre, exige a sua parte.
Pede por inteiro e nada oferece em troca.
Põe em risco a vida do rio.

3º lugar - Insuportabilidade interior

Hugo Brum Sandin
CEFET/MG *Campus* Leopoldina

Tenho-lhe este amor
Imponderável, insuportável e indispensável.
Neste eu interior, eloquente,
Procurando e buscando ser vigente.

Destas companhias emitentes de amor,
Busco momentos felizes,
Para tentar preencher este vazio de matizes.
Sinto o pavor de padecer no sofrimento
Por amor, amizade... tudo que leve à dor...

Dessa sensação que busca não ser só,
Como outras horas procuro a solidão...
Sentimentos loucos que são tão poucos...
Que viram e reviram nossas mentes!

Agora entendo,

Que esse turbilhão de emoções,

Fazem parte da minha constituição,

Estando bem ou mal...

O fim é sempre natural!

RELATO DE EXPERIÊNCIA - PROFESSOR

1º lugar - Aqui tem ciência

Sandro Aloísio Matilde

CEFET/MG *Campus* Leopoldina

O seguinte relato faz parte de um projeto desenvolvido em Leopoldina desde 2013 na área de Tecnologia dos Materiais em uma escola Técnica Federal da nossa região. Os tratamentos térmicos de aços são procedimentos científicos utilizados com a finalidade de melhorar as propriedades mecânicas dos materiais como: Dureza, Maleabilidade, Resistência mecânica dentre outras mais. Um dos processos mais utilizados pelo ser humano desde os primórdios da humanidade pelo contato do homem com o fogo e os metais. A Têmpera de um material consiste em submetê-lo a um aquecimento numa faixa de temperatura suficiente para que o mesmo sofra alterações na sua microestrutura física e posteriormente, através de um resfriamento brusco em um meio especifico, provocar o aumento de dureza desse material. Atualmente as empresas especializadas nesse tratamento térmico utilizam para esse resfriamento óleos minerais que, depois de certo tempo acabam sendo descartados de forma indevida na natureza, provocando com isso poluição ambiental em rios, terrenos e propriedades rurais. O projeto desenvolvido por nós junto aos alunos do 2º ano do curso Técnico em Mecânica consistiu em verificarmos a viabilidade de utilização de óleos vegetais alternativos para a substituição dos convencionais. Assim surgiu à ideia de a princípio temperar esses aços com óleo de soja virgem e depois compararmos os valores de dureza com as durezas obtidas em tratamentos convencionais. Para nossa surpresa os valores obtidos foram similares aos do meio convencional. No restaurante da nossa instituição o óleo utilizado na confecção dos alimentos era armazenado e descartado de uma forma nociva à natureza. Logo surgiu a ideia de verificarmos o desempenho do óleo de soja usado nas frituras do restaurante como meio alternativo de resfriamento em têmpera de aços comuns e aços ligados, com isso estariam dando um destino sustentável ao óleo usado assim como economicamente aliviarmos a escola na compra dos óleos convencionais utilizados nos procedimentos de aulas práticas de tecnologia dos materiais. Para nossa surpresa e satisfação os resultados obtidos com o mesmo foram também similares aos resultados dos óleos tradicionais. Com a vantagem de não gastarmos nada na aquisição desses óleos. A cada ano temos propostos novos desafios para os alunos com outros óleos alternativos como: Milho, Coco, Girassol, e banha de porco. A utilização desses meios alternativos de óleos tem se mostrado eficiente

mecanicamente assim como economicamente e principalmente ecologicamente, uma vez que o próximo passo do nosso projeto será a transformação do óleo de soja ou banha de porco após o uso na têmpera como matéria prima na confecção de sabão, que será distribuído à população de nossa cidade. Sendo assim, estamos conseguindo aliar a tecnologia e a sustentabilidade em uma área onde vemos muito poucas iniciativas de aproveitamento sustentável. Os nossos alunos estão trazendo o óleo usado nas cozinhas de casa e estão levando pra casa sabão, dando assim um destino sustentável a um produto que atualmente é descartado em rios, esgotos e terrenos provocando um dano irreparável ao ecossistema. Seguem no quadro abaixo os resultados obtidos:

MEIOS	DUREZA
Óleo mineral convencional	51,8 HRC
Óleo de milho reciclado	52,1 HRC
Óleo de soja reciclado	52,4 HRC
Óleo de soja virgem	52,6 HRC
Óleo de milho virgem	53,4 HRC

Observação: a dureza inicial das amostras foi de aproximadamente 28,7 HRC.

Através dos resultados obtidos, pode-se constatar a viabilidade do uso de óleos vegetais reciclados no processo de têmpera de aços comuns e ligados, assim como uma alternativa sustentável de aproveitamento dos subprodutos gerados.

ACADEMIA LEOPOLDINENSE DE LETRAS E ARTES

Rua Barão de Cotegipe, 410
Centro Leopoldina, MG
CEP 36700-084

www.academialeopoldinense.com.br